



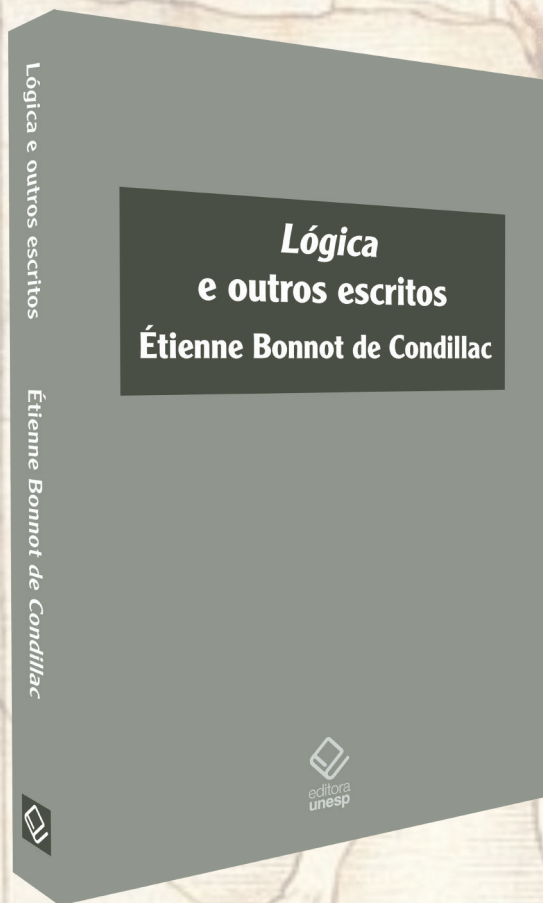
Muro na fronteira

RELAÇÕES INTERNACIONAIS EM XEQUE

CIÊNCIA
BIODIVERSIDADE E
PRODUTOS NATURAIS

CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
DESENVOLVIMENTO
DE NOVOS FÁRMACOS

Resgate de um expoente do empirismo iluminista



Um dos mais radicais e significativos expoentes do empirismo das Luzes, Condillac (1714-1780) teve enorme atenção de seus contemporâneos mais ilustres, como Diderot, D'Alembert e Rousseau. Entretanto, seu nome e sua obra acabaram caindo no esquecimento após 1815, com o declínio do iluminismo e o crescente alcance das ideias de Kant. Mas sua influência sobre Foucault e Derrida, por exemplo, demonstra que suas ideias continuam vivas. *Lógica e outros escritos* reúne textos da fase mais madura de Condillac, em que o filósofo elabora a síntese definitiva de temas recorrentes em sua trajetória, como a gênese das ideias, a geração das operações da alma, a origem da linguagem e dos signos linguísticos.

Lógica e outros escritos

Étienne Bonnot de Condillac | 314 páginas | R\$ 69



Produzir conteúdo,
Compartilhar conhecimento.
Editora Unesp, desde 1987

www.editoraunesp.com.br





Governador
Geraldo Alckmin

Secretaria de Desenvolvimento
Econômico, Ciência, Tecnologia
e Inovação

Márcio França



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Reitor

Sandro Roberto Valentini

Vice-reitor

Sergio Roberto Nobre

Pró-reitor de Administração

Leonardo Theodoro Bull

Pró-reitor de Graduação

Gladis Massini-Cagliari

Pró-reitor de Pós-Graduação

João Lima Sant'Anna Neto

Pró-reitora de Extensão Universitária

Cleopatra da Silva Planeta

Pró-reitor de Pesquisa

Carlos Frederico de Oliveira Graeff

Secretário-geral

Arnaldo Cortina

Chefe de Gabinete

Carlos Eduardo Vergani

Assessor-chefe da Assessoria de

Comunicação e Imprensa

Oscar D'Ambrosio



editora
unesp
fundação

Presidente do Conselho Curador

Mário Sérgio Vasconcelos

Diretor-presidente

Jézio Hernani Bomfim Gutierrez

Editor-executivo

Túlio Kawata

Superintendente administrativo e financeiro

William de Souza Agostinho



unespciência

Diretor de redação Oscar D'Ambrosio

Arte Hankó Design (Ricardo Miura)

Assistente de arte Andréa Cardoso

Colaboradores Alceu João Gregory, Carlos Alberto Cinquetti,

Claudia Fernanda de Campos, Eli Vagner F. Rodrigues, José

Roberto Fernandes Castilho, Nelson Pedro-Silva, Vinicius R.

Tonetti, Adilson Roberto Gonçalves, Oscar D'Ambrosio, Sérgio

Mauro, Sinésio Ferraz Bueno, Matheus de Oliveira Pereira

(texto); Chello Fotógrafo (foto)

Revisão Maria Luíza Simões

Projeto gráfico Hankó Design (Ricardo Miura)

Produção Mara Regina Marcato

Apoio de internet Marcelo Carneiro da Silva

Apoio administrativo Thiago Henrique Lúcio

Endereço Rua Quirino de Andrade, 215, 4º andar,

CEP 01049-010, São Paulo, SP. Tel. (11) 5627-0327.

www.unesp-ciencia.com.br

revistaunespciencia@reitoria.unesp.br

Impressão 46 Indústria e Logística de Impressos

Tiragem 6 mil exemplares

É autorizada a reprodução total ou parcial de textos e imagens desde que citada a fonte. Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da Universidade.

Intensidade do tempo

“O valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que acontecem.” Esta frase, atribuída a Fernando Pessoa, Fernando Sabino ou Baudelaire, teria sido escrita de fato por Maria Júlia Paes de Oliveira, no livro *Qual o tempo do cuidado*. Ela nos introduz a pensar na relatividade e intensidade do tempo.

Esta edição da revista **unespciência** começa com um texto sobre o INCT (Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia) – BioNat, com sede no Instituto de Química da Unesp de Araraquara. Passamos depois para dois artigos que motivam a capa. Eles enfocam a crise nas relações dos EUA com a América Latina.

O empoderamento da mulher, duas perdas na História da Arquitetura e do Urbanismo, a luta do músico Chat Baker contra o vício, a obra do escritor Raduan Nassar, o pensamento do filósofo Jürgen Habermas, a Reforma da Previdência e a PEC 241, que limita os gastos públicos, são alguns temas da edição.

A publicação se completa com informações sobre o plantio consorciado de café e macadâmia, o estudo que investiga nova frente de defesa de bactérias para oxidantes gerados pelo sistema imune, a reflexão sobre a questão nuclear no cenário internacional, a crítica de apresentação de Jards Macalé, uma foto da posse dos novos reitor e vice da Unesp e uma reflexão sobre misoginia, racismo, intolerância religiosa, sexual e agressões aos direitos humanos.

São textos curtos, mas intensos, que buscam tornar a leitura de nossa publicação um motivo de reflexão renovada e permanente.



06

CIÊNCIA

INCT em Biodiversidade e Produtos Naturais (INCT – BioNat): Investigando a Química de Produtos Naturais de Norte a Sul do Brasil
VANDERLAN DA S. BOLZANI



18

MÚSICA

O jazz e a heroína
ELI VAGNER F. RODRIGUES



12

SOCIEDADE

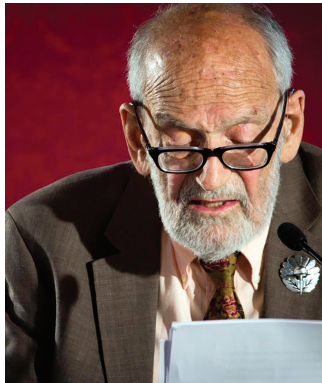
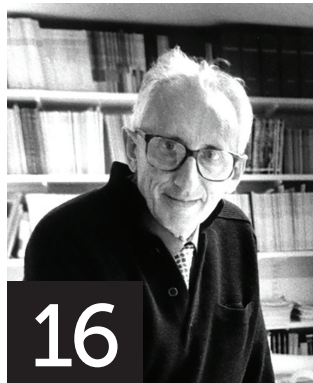
Empoderamento da mulher
IARA M.E. MARUBAYASHI



08

RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Crise nas relações EUA e América Latina E agora, México?
MARCELA FRANZONI
Um muro entre os EUA e a América Latina
LÍVIA PERES MILANI



16

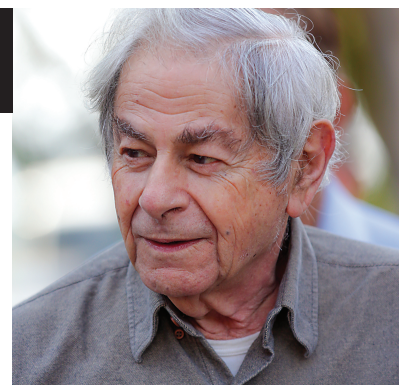
HOMENAGEM

Duas perdas na História da Arquitetura e do Urbanismo
ADALBERTO DA SILVA RETTO JÚNIOR

22

LITERATURA
Obra completa,
de Raduan Nassar

FLÁVIO ADRIANO
NANTES NUNES



34

FINANÇAS

O significado da PEC 241, a que limita os gastos públicos

ALVARO GUEDES



AGRICULTURA

Estratégia aumenta a renda do produtor

JOSÉ TADEU ARANTES

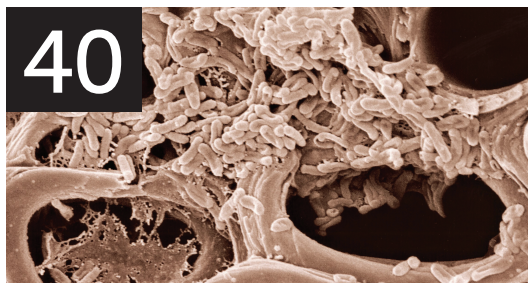
36



CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Estudo investiga nova frente de defesa de bactérias para oxidantes gerados pelo sistema imune

40



44

SEGURANÇA

Dois minutos e meio para o Fim do Mundo

RAQUEL GONTIJO



FOTO DO MÊS

Cerimônia de posse
CHELLO FOTÓGRAFO

48



46

ARTE E CULTURA

Salve os malditos!

VALÉRIA GUIMARÃES



50

OPINIÃO

Crônicas de uma Vida não prevista...

MARÍLIA MUYLAERT

30

DOSSIÊ PREVIDÊNCIA

Sustentabilidade fiscal
Derretimento fiscal e desequilíbrio intergeracional na Previdência Social

ANDRÉ REHBEIN SATHLER E VALDEMIR PIRES

A Reforma da Previdência e a desorganização da confiança

ANDRÉ REHBEIN SATHLER, MALENA REHBEIN-SATHLER E VALDEMIR PIRES

Da previdência à violência: Estado e confiança organizada

ANDRÉ REHBEIN SATHLER, MALENA REHBEIN-SATHLER E VALDEMIR PIRES



JÜRGEN HABERMAS

O OCIDENTE DIVIDIDO

29

LEITURA

Filósofo discute a divisão política dos países ocidentais

INCT em Biodiversidade e Produtos Naturais (INCT – BioNat): Investigando a Química de Produtos Naturais de Norte a Sul do Brasil

“EACH PLANT CONTAINS HUNDREDS OF SUBSTANCES AND ONE OF THEM MAY BE MORE IMPORTANT THAN A GALAXY” (PROF. OTTO R. GOTTLIEB, 1998)

Fazendo parte de cerca de uma centena de INCTs (Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia) espalhados por todo o país, o INCT – BioNat se destaca como o único dedicado aos estudos da química dos produtos naturais a partir da rica biodiversidade brasileira.

Congregando 55 pesquisadores de todas as regiões do país — Norte (1), Nordeste (14), Centro-Oeste (4), Sudeste (34) e Sul (2) — e contando com a Instituição Sede (NuBBE) no Instituto de Química da Unesp, em Araraquara – SP, o INCT – BioNat reúne especialistas em diversas áreas de pesquisa da química e biologia como quimiotaxonomia, ecofisiologia, química de produtos naturais, metabolômica, “desreplicação”, proteômica, biossíntese e engenharia metabólica. Outra característica do INCT – BioNat é a participação de especialistas em áreas estratégicas para o desenvolvimento de inovação em bioprodutos, como química medicinal, farmacologia e toxicologia, fundamentais para estudos avançados e “prova de conceito” na identificação de “hits” e no desenvolvimento de “leads” da nossa rica diversidade biológica.

Considerados uma “fábrica de moléculas” fantástica, os organismos (terrestres e marinhos) dos ambientes tropicais e equatoriais do Bra-

sil armazenam um arsenal de questões ainda sem respostas e são valiosos para os avanços no estado-da-arte em pesquisa básica, além de serem uma fonte inesgotável de inspiração para a busca de bioprodutos inovadores de alto valor agregado. Mesmo assim, a biodiversidade continua praticamente inexplorada e acredita-se que a pesquisa colaborativa em rede deste INCT poderá contribuir com setores governamentais e empresariais visando futuros investimentos em inovação nos setores de cosméticos, suplementos alimentares e produtos farmacêuticos da biodiversidade brasileira.

O Brasil é reconhecido por sua rica biodiversidade e por uma química de produtos naturais de nível internacional. A consolidação da área é fruto do trabalho de importantes cientistas: Otto R. Gottlieb (USP), único pesquisador brasileiro indicado duas vezes ao Prêmio Nobel de Química, Mauro T. Magalhães (UFAM), Walter Mors (UFRJ), Maria Auxiliadora C. Kaplan (UFRJ), Benjamim Gilbert (Unicamp), Keith Brown (Unicamp), Nídia F. Roque (USP), Alaíde B. De Oliveira (UFGM), Angelo da C. Pinto (UFRJ), José de Abreu Matos (UFCE), Raimundo Braz Filho (UFRJ), entre muitos outros. Estes cientis-




© Sandra Cunningham

tas criaram as bases modernas da química de produtos naturais no Brasil, e o INCT – BioNat é hoje um reflexo dessa bela história, reunindo filhos, netos e bisnetos científicos destes cientistas, em todas as partes do país. Não obstante o nível de desenvolvimento da investigação química da nossa imensa biodiversidade e do número significativo de pesquisadores em instituições de pesquisa consolidadas, o conhecimento gerado até hoje, a partir dessa fantástica diversidade biológica, encontra-se disperso em milhares de publicações e resultou em pouquíssimos produtos de alto valor agregado. É missão do INCT

O BRASIL É RECONHECIDO POR SUA RICA BIODIVERSIDADE

– BioNat estimular os grupos jovens a continuarem desenvolvendo pesquisa de excelência na área de produtos naturais, estabelecer uma base de dados certificada dos produtos naturais da biodiversidade brasileira e incentivar a pesquisa de descoberta de substâncias úteis ao bem-estar humano, como medicamentos, suplementos alimentares, cosméticos e agroquímicos.

Pesquisadores experientes de várias universidades federais e estaduais fazem parte da Governança do INCT – BioNat, que é coordenado pela Profa. Vanderlan da S. Bolzani, ex-presidente da SBQ, e atual vice-presidente da SBPC. 



Vanderlan da S. Bolzani é professora do Instituto de Química da Unesp de Araraquara e vice-presidente da SBPC e da Fundunesp. Lattes

Comitê Gestor do INCT – BioNat

Adriano D. Andricopulo, IFSC-USP – coordenador científico
 Alberto Jose Cavalheiro, IQ-Unesp – coordenador financeiro
 Ian Castro-Gamboa, IQ-Unesp – coordenador de Bolsas e Pesquisadores Visitantes
 José Angelo S. Zuanazzi, FCF-UFRGS – coordenador de Inovação e Transferência de Tecnologia
 Leticia Lotufo, ICB-USP – coordenadora da Administração Geral
 Maria das Graças Lins Brandão, FCF-UFG – coordenação de Disseminação e Divulgação Científica
 Edilberto Rocha Silveira, IQ-UFCE – vice-coordenação geral
 Vanderlan da S. Bolzani, IQ-Unesp – coordenação geral

MARCELA FRANZONI



Crise nas relações EUA e América Latina

O ANÚNCIO DA
CONSTRUÇÃO
DO MURO
VEIO EM UM
MOMENTO
INCERTO NO
FUTURO DAS
RELAÇÕES
BILATERAIS
ENTRE OS EUA
E A AMÉRICA
LATINA

E AGORA, MÉXICO?

MARCELA FRANZONI

Donald Trump parece ter pressa de implementar uma de suas principais promessas de campanha, a construção de um muro na fronteira com o México. Assim, cinco dias após assumir o governo, no dia 25 de janeiro, assinou um decreto que prevê a sua construção, assim como a contratação de mais de cinco mil agentes federais para o patrulhamento da fronteira.

A ideia de construir uma barreira física entre os dois países não é nova. Em cerca de um terço da fronteira, em torno de 1.080 quilômetros, já existe um cercado que divide o México dos Estados Unidos. Construída em 2006 por 20.000 trabalhadores, a barreira metálica já existente é diferente da proposta por Trump, que quer um muro de concreto e capaz de conter a entrada de imigrantes ilegais e aumentar a segurança no país. Durante a assinatura do decreto presidencial, reforçou

o que já tinha dito durante a sua campanha, que o México irá pagar integralmente pelo muro. Ademais, Donald Trump afirmou que o planejamento da medida começará imediatamente, enquanto sua construção será em meses. Para o presidente, a medida também beneficiará o México, ajudando-o a controlar a imigração ilegal da América Central e os cartéis de droga.

Horas depois do decreto, Enrique Peña Nieto, presidente do México, fez um anúncio oficial condenando a decisão do governo vizinho, reafirmando que o México não pagará por ele. Disse ainda que o país não acredita em muros, que longe de uni-los, vai dividi-los. Ademais, afirmou estar tomando medidas para proteger os imigrantes mexicanos residentes nos Estados Unidos, oferecendo-lhes maior amparo legal.

O anúncio da construção do muro veio em um momento já bastante incerto no futuro das relações bilaterais entre os dois países. Estavam em Washington o secretário mexicano de Relações Exteriores, Luis Vedegaray, e o de



© natanaelgring

Economia, Ildefonso Guajardo. É o início de um longo processo de renegociação do Tratado de Livre Comércio da América do Norte, composto pelo México, pelos EUA e pelo Canadá. Das primeiras conversas dos secretários com os assessores de Donald Trump, pouco foi divulgado à imprensa. Luis Videgaray classificou o dia como “de contrastes”, já que se disse surpreendido pela decisão do muro, enquanto teve sinais positivos da equipe de Donald Trump.

Até o pronunciamento oficial, ainda estava agendada visita de Peña a Washington, no dia 31 deste mês, mesmo diante da mobilização doméstica para que o presidente a adiasse. O Partido da Ação Nacional (PAN) no Senado pediu que o presidente reconsiderasse, assim como fez Jorge Castañeda, ex-secretário de Relações Exteriores, e a possível candidata presidencial para 2018, Margarita Zavala. Contudo, no dia 26 de janeiro, em resposta ao pronunciamento de Enrique Peña Nieto, Donald Trump colocou em uma rede social que, se o México não tem a intenção de pa-

gar pelo muro, seria melhor que cancelasse a reunião. Então, logo depois, Enrique Peña Nieto anunciou que não irá aos Estados Unidos, apesar de reiterar sua disposição para trabalhar com o vizinho.

O cancelamento da reunião com Donald Trump expôs o atual nível de desacordo entre os dois governos, ademais da enorme pressão doméstica que enfrenta Enrique Peña Nieto. Colocou-se em dúvida também a real capacidade dos agentes mexicanos de negociar com a equipe de Trump e, mais, de efetivamente conseguirem um acordo onde as duas partes ganhem. Apesar de o presidente Enrique Peña Nieto insistir em negociar, parece claro que há temas que não serão postos na mesa, temas que o México vem demandando historicamente, como a questão da segurança e a migratória.

É provável que Enrique Peña Nieto estivesse esperando os futuros desdobramentos das conversas dos secretários nos Estados Unidos para que pudesse tomar uma decisão definitiva. Para sua posição, a visita colocava-se como



Marcela Franzoni é mestrande no Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas (Unesp, Unicamp e PUC-SP)

uma grande encruzilhada: se fosse acordada alguma medida que beneficiasse o México concretamente, podia ser que viesse a conseguir maior apoio interno, que hoje tem seus níveis mais baixos depois do aumento do preço da gasolina, decretado no dia 1º de janeiro. Se nada fosse acordado e ainda houvesse desencontros de informações, como na visita de Trump ao México, em agosto, reforçaria sua posição como um governo débil, comprometendo ainda mais sua base de apoio no país.

Diante do cenário incerto, erguem-se vozes na academia, no governo e entre o empresariado para a unidade nacional. O fato de estarem sendo abertas negociações entre os países do Nafta mostra que pode ser um momento de redefinir o papel do México no mundo, incluindo suas relações com os EUA e com

DIANTE DO CENÁRIO INCERTO, ERGUEM-SE VOZES NA ACADEMIA, NO GOVERNO E ENTRE O EMPRESARIADO PARA A UNIDADE NACIONAL MEXICANA

a América Latina. O Secretário de Relações Exteriores já afirmou que, caso a renegociação do Nafta não gere algo produtivo para o México, o país não descarta a possibilidade de sair do Tratado.

Há, portanto, muitos desencontros e desacordos de qual seria o melhor caminho a seguir. O governo mexicano, além de entender-se com os negociadores estadunidenses, terá que agregar posições de vários grupos domésticos que conclamam participação nas negociações e pedem transparência na divulgação dos temas que serão discutidos. A unidade nacional passaria, portanto, por repensar uma nova estratégia de desenvolvimento socioeconômico, assim como a política exterior, reavaliando a posição internacional do México.

A conjuntura é bastante complexa. Os mexicanos deparam-se com a conjunção de dois processos simultâneos e que irão impactar na posição do país nas negociações: um governo desacreditado internamente, somado a uma

posição no país vizinho fortemente antimexicana. Este é, portanto, o maior desafio da política externa do México dos últimos anos, que, ainda que gere cismas, apresenta um forte elemento que os une.

UM MURO ENTRE OS EUA E A AMÉRICA LATINA

LÍVIA PERES MILANI

A decisão de Donald Trump de seguir adiante com sua promessa sobre o muro entre o México e os Estados Unidos – e de buscar mecanismos para que o país ao sul pague pelo projeto – estremeceu as relações bilaterais. O presidente dos Estados Unidos reavivou a questão no dia 25 de janeiro, ao assinar ordem executiva que determina o início da construção. Posteriormente, o encontro entre os presidentes dos países norte-americanos foi adiado. Enrique Peña Nieto divulgou vídeo reiterando que seu país não pagará pelo muro. Trump, por sua vez, discursou de forma teatral e voltou a reiterar que o pagamento será feito pelo vizinho. Trump ainda criticou o Tratado Norte-Americano de Livre-Comércio (Nafta) e considerou a taxação de produtos mexicanos como forma de financiar o projeto, elevando o tom e causando tensão diplomática entre ambos os países. Como consequência, a percepção negativa dos EUA no México cresceu e o futuro presidenciável Andrés Manuel López Obrador, El Peje, nacionalista e de esquerda, viu-se com a popularidade aumentada.


A atuação unilateral de Trump coloca em risco uma das principais alianças estabelecidas na América Latina. Na última década, as relações interamericanas foram conturbadas. Diversos governos – especialmente os da Venezuela, da Bolívia e do Equador – pronunciavam-se de maneira anti-imperialista e buscaram distanciar-se dos EUA. Nos dois maiores países do continente – Brasil e Argentina – os últimos anos também assistiram a um esforço de afirmação nacional e ambos buscaram diversificar parcerias com potências extrarregionais, especialmente a China,



embora também procurassem manter boas relações com a potência americana.

Contudo, o distanciamento entre a América Latina e os EUA não foi uma tendência continental, já que a potência estabeleceu alianças sólidas, especialmente com a Colômbia e o México. As alianças com ambos envolviam, além do livre comércio, o combate ao crime organizado e garantiram a presença militar da potência na região. Além disso, o afastamento entre EUA e os outros países da América Latina mostrava sinais de reversão. No Brasil e na Argentina há uma busca de aproximação bilateral pelos governos de Michel Temer e Maurício Macri. Os países do eixo bolivariano enfrentam dificuldades importantes e a ideologia que os levou ao poder mostra sinais claros de esgotamento. Considerando esse contexto, a tendência parecia ser de uma aproximação continental e de aceitação da hegemonia dos EUA por parte do Sul. Entretanto, a nova variável dificulta a concretização de tal tendência. Ao impor dificuldades ao México e agir de maneira unilateral no assunto, tratando o país como um pária, Trump deixa explícitos os riscos de uma

escolha estratégica na qual a potência hegemônica aparece como aliada principal.

A América Latina não pode se desvincular dos Estados Unidos, as economias entre ambas as regiões são fortemente interdependentes, de forma desfavorável aos países do sul. A diferença de poder é clara e perpassou toda a história, tornando os EUA o grande outro para os países da região. As elites e as classes médias latino-americanas têm os Estados Unidos como modelo e as relações de cooperação militar são fortes e arraigadas. Por outro lado, a contraposição com a potência assume papel central na configuração da noção de “latino-americano” e os movimentos de afirmação nacional firmaram-se em retórica anti-imperialista. Quando passaram por dificuldades, tais movimentos buscaram culpar os Estados Unidos. São essas tendências e movimentos nacionalistas que a postura unilateral de Trump, se mantida ao longo do tempo, tende a intensificar, tornando cada vez mais difícil uma aceitação plena da hegemonia estadunidense naquela que mais fortemente é sua área de influência. 

Pode ser um momento de redefinir o papel do México no mundo, incluindo suas relações com os EUA e com a América Latina



Lívia Peres Milani é mestre e doutoranda em Relações Internacionais pelo Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais “San Tiago Dantas” (Unesp, Unicamp, PUC-SP) e graduada em Relações Internacionais pela Universidade Estadual Paulista – Unesp. Participa do Grupo de Estudos em Defesa e Segurança Internacional (Gedes/Unesp)

Empoderamento da mulher

ARTIGOS
DISCUTEM
FEMINICÍDIO

UM CICLO QUE DEVE SER ROMPIDO

Sabe aquela frase frequentemente vociferada quando uma mulher retorna para o marido-agressor, e dizem que se trata de “mu-

por vezes violento, a mulher era considerada volúvel e promíscua. Em tempos atuais, ainda se trata de um assunto tenso em alguns setores, tal como o religioso, porém, há de se reconhecer que a aceitação social e, por fim, os trâmites legais estão bem mais democráticos e solidários.

A Lei Maria da Penha (Lei 11.340/2006) é marco histórico no Brasil no que se refere à proteção social da mulher e sua família contra a violência doméstica. Em 2016, ela completou 10 anos de existência, e durante este tempo são sensíveis as mudanças de percepção cultural acerca da violência contra a mulher, que vem sendo constantemente discutida.

De assunto privado, a questão se tornou pública, ajudando a entender o complexo fenômeno que é a violência, e que dela resultam situações difíceis, tais como a decisão de mulheres vítimas de agressão que voltam para seus com-

lher que gosta de apanhar”? Esta decorre de uma manifestação cultural condenatória de que muitas mulheres são alvo, e sua reprodução só faz com que se revitimiza a agredida.

Basta olhar para trás e ver que, ao requerer o divórcio de um casamento fracassado e

A LEI MARIA DA PENHA (LEI 11.340/2006)
É MARCO HISTÓRICO NO BRASIL NO QUE SE REFERE
À PROTEÇÃO SOCIAL DA MULHER E SUA
FAMÍLIA CONTRA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA



panheiros na esperança de que seja diferente.

Poucos, fora do contexto de pesquisa acadêmico, jornalístico ou que trabalham diretamente com a questão, têm a oportunidade de saber que há estudos sobre o ciclo da violência doméstica, o qual se inicia pela violência verbal, emocional, em que o agressor, aos poucos derruba a autoestima da vítima, instalando a insegurança e a vulnerabilidade. A partir daí, começam as agressões físicas como empurrões, tapas, seguidas do aumento no grau de violência, cujo recrudescimento faz com que a vítima reaja a toda a situação.

Entretanto, antes que ela se liberte o agressor a procura pedindo desculpas, fazendo juras de amor e afirmando que irá mudar. Com um voto de confiança, o casal volta, e este momento é denominado Lua de mel, no qual o agressor se autocontrola. Porém, a situação é

É PRECISO REAFIRMAR QUE O ESTADO PROMOVE O FEMINICÍDIO AO MANTER O ABORTO COMO PRÁTICA ILEGAL

passageira e as agressões retornam para a vida cotidiana do casal, iniciando novamente o ciclo da violência doméstica.

Esta situação causa consternação, mas ocorre porque as ligações, amarras e sentimentos não são facilmente rompidos e podem envolver a constante presença da ameaça, da dependência financeira, da falta de apoio familiar e comunitário, do sofrimento dos filhos, da insegurança quanto ao futuro, da dor de ver um relacionamento desfeito, entre outros motivos. Fazendo deste, um momento de profundo sofrimento.

Em vista disso, o empoderamento da mulher é essencial para romper este ciclo, mas não basta, é preciso compreender que o enfrentamento da violência contra a mulher não se resume apenas na tomada de atitude por parte da agredida, já que, da mesma forma, está atrelado visceralmente à atitude ética de todos os indivíduos da sociedade se posicionarem ao lado das vítimas e não de seus agressores. ^{UC}

A VIDA DE UMA MULHER IMPORTA

O Estado, ao negar à mulher o direito ao seu corpo, no caso do aborto, promove o feminicídio.

Ele priva as mulheres do acesso à assistência médica, social, emocional e protetiva no momento em que elas tanto precisam. Respaldo por um arcabouço legal arcaico e patriarcal, que pune somente as mulheres, os profissionais da saúde e terceiros que as auxiliarem nesta decisão (excluindo-se, aqui, os casos de aborto legalizado), não há qualquer menção ao homem que a engravidou.

Cada mulher aborta por motivos subjetivos, os quais ninguém tem o direito de julgar, considerando que não conhecemos sua realidade e as condições concretas que a levaram a realizar um procedimento que impacta tanto seu corpo como sua mente.

É preciso ressaltar essas cicatrizes que permanecem com as mulheres, tendo em vista que muitos julgadores, misóginos, religiosos que vociferam contra as mulheres, discriminando-as como assassinas frígidas e putas inconsequentes, não compreendem que abortar está longe de ser uma decisão leviana, de mulheres irresponsáveis; pelo contrário, é uma escolha difícil, e com a manutenção da ilegalidade é um momento que causa muita solidão.

Já se sabe que a prática é legalizada para quem pode pagar clínicas particulares, onde se encontram conforto e segurança no procedimento. Por outro lado, há as mulheres pobres que o fazem sem nenhum respaldo e que, por complicações, podem ir a óbito.

Argumentam alguns que a mulher deveria ter a criança e dá-la para adoção, como se isso fosse uma ação fácil e aceitável nesta sociedade moralista e extremamente violenta e individualista, em que, ainda, uma parte do corpo do homem (no caso, trocou-se a costela pelo espermatozoide) vale mais que a vida de uma mulher.

O aborto é uma questão de saúde pública, e não cabe espaço para imposições de dogmas



religiosos em uma questão de mortalidade feminina evitável.

Sim, esta é uma informação preciosa, porque permite maior clareza sobre a luta pelo direito ao aborto, que tanto é pela autonomia da mulher sob o seu corpo, como também é uma batalha em defesa da vida da mulher, que corre tantos outros perigos iminentes durante toda a vida, somente pelo fato de sua condição de gênero, ser mulher. Por isso, é preciso reafirmar, que o Estado promove o feminicídio ao manter o aborto como prática ilegal.

Devemos considerar a vida da mulher em igualdade de condições com a dos homens. Não permitindo a minimização de sua vida por determinações sócio-históricas, reproduzidas como verdades absolutas, como, por exemplo, que a mulher nasce para reproduzir e se tornar mãe.

Esta percepção não permanece somente no direito ao corpo, mas invade todas as dimensões da vida da mulher, desde o nascimento, em que o tratamento já se diferencia na so-

cialização, na sexualidade, na exploração do mundo ao nosso entorno, nos brinquedos, nos presentes, no cabelo, enfim, como Beauvoir sabiamente apreendeu e socializou: ninguém nasce mulher, se torna.

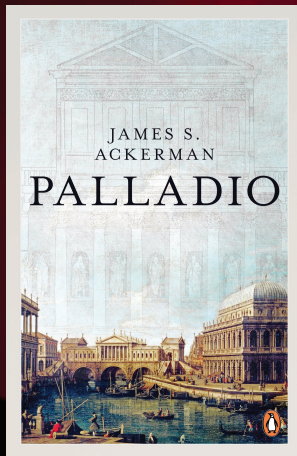
Estas expressões deixam clara a base cultural de controle social opressivo e violento a que todas as mulheres estão expostas, e no caso do aborto é uma expressão gritante da desigualdade de gênero que prevalece na cotidianidade estrutural desta sociabilidade reificada. Produto-base de um sistema que defende a todo custo a “liberdade” de propriedade privada, o livre-mercado, a “liberdade” de informação, a “liberdade” de escolhas, mas nega veementemente uma outra forma de liberdade, que preza pela defesa dos direitos fundamentais de dignidade da pessoa humana, tais como o direito à autonomia de escolher sobre abortar ou não. Escolha esta que cabe somente à mulher e a mais ninguém.

Porque, sim, a vida de uma mulher importa. 



Iara M.E. Marubayashi
é formada em Serviço
Social pela Unesp

James S. Ackerman em uma palestra na NAM Accademia Nazionale di San Luca



Duas perdas na História da Arquitetura e do Urbanismo

JAMES ACKERMAN (SÃO FRANCISCO, 1919 – CAMBRIDGE, 2016) E O ITALIANO LEONARDO BENEVOLO (ORTA SAN GIULIO, 1923 – CELLATICA, 2017) DEIXAM IMPORTANTE LEGADO

Durante a pausa do fim de ano e o início de 2017, dois grandes protagonistas da História da Arquitetura e do Urbanismo partiram: o norte-americano James Ackerman (São Francisco, 1919 – Cambridge, 2016) e o italiano Leonardo Benevolo (Orta San Giulio, 1923 – Cellatica, 2017). Como o pior da morte para um grande mestre não parece ser a mera passagem ao Hades, mas sim seu esquecimento, ocorre colher a ocasião para lembrar suas trajetórias, aprofundar suas ideias, reler seus livros e suas obras, que decisivamente fizeram parte da vida cultural e política de um longo percurso e codificação – mas também de crises – das duas disciplinas.

Ackerman nasceu em San Francisco em 1919, começando seu percurso na História da Arte e da Arquitetura em Yale e na New York University, com Henri Focillon, Erwin Panofsky e Richard Krautheimer.

Seu fascínio pela Itália, ao servir o Exército dos EUA durante a Segunda Guerra Mundial, levou-o mais tarde a ser um grande especialista e a publicar trabalhos de muito relevo

em Teoria da Arte e Arquitetura do Renascimento, abrindo novos horizontes ao estudar sobre Michelangelo e depois sobre Palladio, em seu livro publicado em 1966.

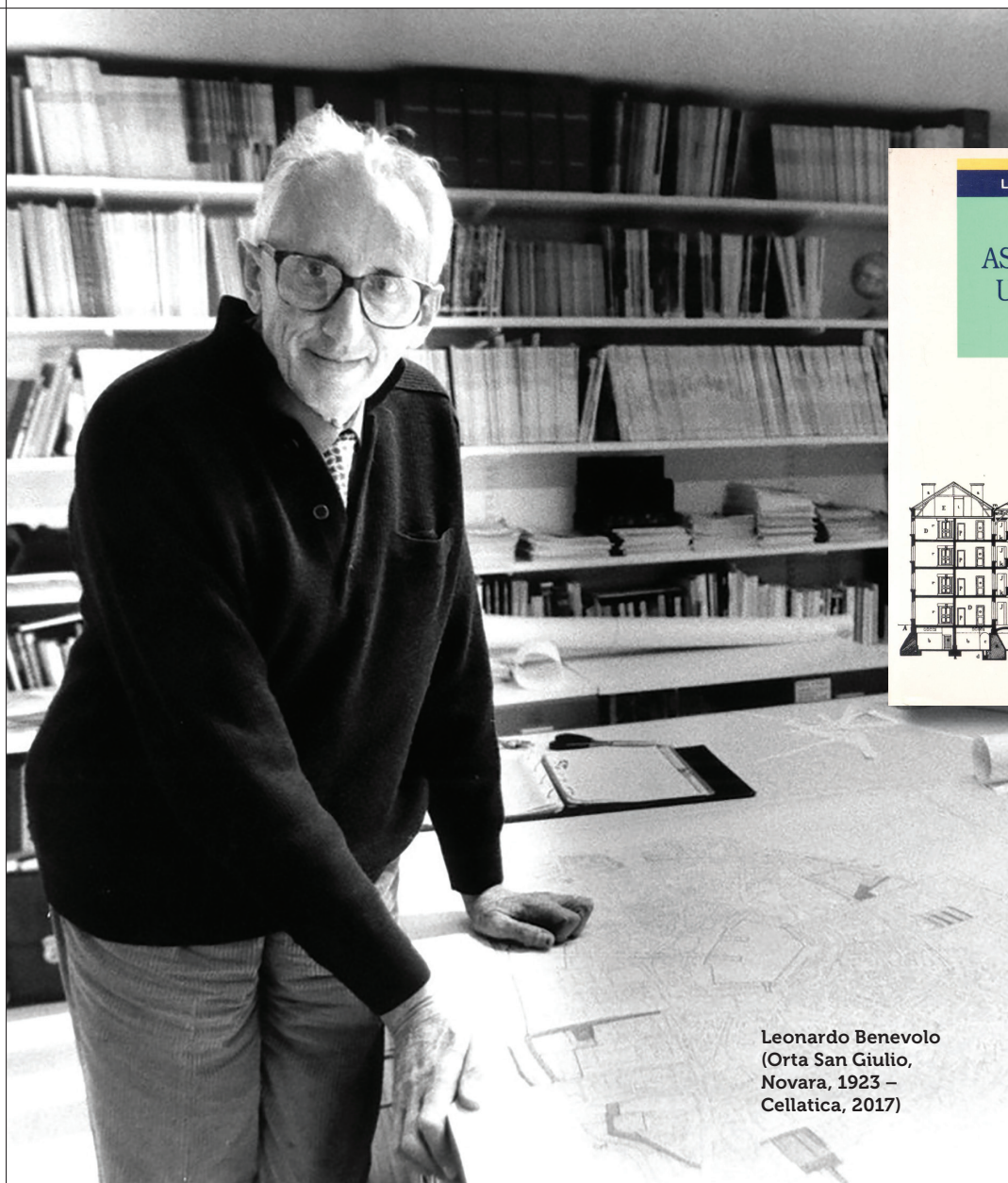
Foi membro da Royal Academy of Arts, do Centro Internacional de Estudos Arquitetônicos de Vicenza, do Ateneo Veneto e da Accademia di San Luca em Roma. Foi professor Honoris Causa do IUAV di Venezia e Grande Oficial da Ordem do Mérito da República Italiana.

Leonardo Benevolo nasceu em 1923 em Orta, na província de Novara, passando a viver em Roma no início dos anos quarenta.

As suas experiências como historiador ou como arquiteto e urbanista formam um espectro que se estende por toda a segunda metade do século XX.

Seus livros sobre a história da cidade, dentre os quais o famoso *As origens da Urbanística Moderna*, são manuais indispensáveis para qualquer pessoa envolvida nessas disciplinas.

Em recente entrevista ele afirmou: “Meu trabalho é arquitetura”, acrescentando que a



Leonardo Benevolo
(Orta San Giulio,
Novara, 1923 –
Cellatica, 2017)




arquitetura pode ser feita de várias maneiras: através da concepção de edifícios, desenho de planos, ensino, colaborando na elaboração de leis, escrevendo livros.

Seu trabalho com planos urbanísticos encontra-se principalmente em Brescia, mas também pode ser encontrado em Urbino, Palermo e em outras cidades.

A sua atividade acadêmica começa como assistente di Storia dell'architettura na Università di Roma, de 1947 a 1955. Tornando-se depois professor de Storia dell'architettura na Università di Roma, Firenze, Venezia e Palermo, durante o período de 1955 a 1977;

foi visiting lecturer nas universidades de Yale (New Haven) em 1969 e 1970, na Columbia (New York) em 1982, Caracas (Venezuela) em 1968 e 1972, Teerã em 1971, Rio de Janeiro em 1980 e Hosei (Tokyo) em 1986; atuando também como professor de Storia del territorio na Accademia di architettura dell'Università della Svizzera Italiana de 1996 a 2003.

Apesar de grande parte do conjunto da obra ter sido pouco traduzida para o português, os escritos de ambos os mestres são conhecidos e fazem parte da bibliografia clássica dos currículos dos cursos de Arquitetura e Urbanismo no Brasil. 



Adalberto da Silva Retto Júnior atua como professor na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Unesp de Bauru. É doutor pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo e pelo Departamento de História da Arquitetura e Urbanismo do Instituto Universitário de Arquitetura de Veneza (2003).



Ethan
Hawke, em
cena do
filme *Born
to be Blue*.

© Reprodução/Divulgação

O jazz e a heroína

FILME *BORN TO BE BLUE* RETRATA A LUTA DE CHET BAKER CONTRA O VÍCIO

Quando Charlie Parker morreu, em 12 de março de 1955, aos 34 anos, o médico legista testemunhou que seu corpo parecia o de um homem de 65, resultado de sua adição em heroína. Quando Chet Baker caiu da janela de um hotel em Amsterdam em 13 de maio de 1988, aos 58 anos, seu corpo aparentava ser o de um homem de 80 anos, efeito da mesma devastação provocada por essa que foi a droga mais associada à história do jazz.

Um capítulo significativo dessa história é contado pelo filme *Born to be Blue* (EUA, 2016), de Robert Budreau. O longa-metragem retrata o esforço de Chet Baker nas diversas tentativas de recuperar o que a heroína lhe foi tirando ao longo dos anos. A lógica desse processo de decadência física e produtiva é conhecida e inclui aspectos que vão desde o processo natural de degeneração às feridas causadas pelo convívio no submundo do crime. O caso de Chet Baker tem marcas que se tornaram famosas na crônica musical do jazz. Um desses momentos de degradação é retratado na primeira metade do filme e trata-se da tentativa de Chet Baker de recuperar

a “embocadura” (técnica fundamental para a prática do trompete que consiste em posicionar com pressão e posição específica e soprar corretamente o instrumento, que requer, obviamente, o apoio dos dentes frontais), depois de ter perdido um dos dentes (incisivo central) ao ser surrado por um traficante.

Tocar trompete sem os dentes frontais é praticamente impossível, a solução foi um dente postiço, uma prótese, que na época não tinha a mesma fixação proporcionada pelas técnicas de implante de hoje. As sequências dessa readaptação são o retrato acabado da decadência. Chet Baker, bem interpretado por Ethan Hawke, passa todo o filme tentando zerar o saldo de danos causados pela droga. Nessa tentativa, procura recuperar uma relação afetiva baseada na confiança e não em altos e baixos de comportamento, emergências médicas e golpes baixos de submundo, um contrato com uma gravadora que pudesse lhe dar alguma estabilidade financeira e, talvez o que ele mais buscava, o reconhecimento de artistas importantes do mundo do jazz em relação à sua música.



***Born to be Blue*,
dirigido por Robert
Budreau e com
Ethan Hawke, acima,
interpretando Chet
Baker em cena do filme.**



Chet Baker não foi um músico dotado de uma veia criativa comparável a nomes como Miles Davis, Charlie Parker, Louis Armstrong, seus ídolos. Tampouco era um virtuose como Dizzy Gillespie ou Wynton Marsallis, para ficarmos no ambiente do trompete. Seu nome não figura como peça fundamental de nenhum movimento na história do jazz. O ambiente artístico de Chet Baker era baseado muito mais na aposta em uma postura interpretativa, na opção por baladas,

Budreau consegue extrair, das inúmeras tentativas de Chet Baker de sair dos ciclos do vício, o elemento necessário para que o público acompanhe sua história com interesse e empatia. A fragilidade do artista frente aos desafios quase intransponíveis de um adicto em heroína se sobrepõe à imagem do artista como uma estrela da música. O diretor encontrou o nexo entre a natureza trágica de sua vida e sua perspectiva musical. A melancolia que Chet Baker expressa em suas interpretações não poderia ser mais autêntica. O lamento de canções como *Autum Leaves*, *My Funny Valentine*, gira em torno de objetivos não alcançados no amor, na vida, na carreira. Obviamente estes temas são universais, no entanto, se acentuam em naturezas trágicas e em personalidades limítrofes como a de Chet Baker.

A influência da heroína no jazz não é ocasional, a relação já deu origem até a estudos acadêmicos de psicologia do comportamento. O efeito da droga sobre o ambiente cultural do jazz no pós-guerra foi tão grande que um artista como Artie Shaw, que também teve seus problemas com a substância, chegou a declarar que “O jazz nasceu dentro de um barril de whisky, cresceu com a maconha e está

A INFLUÊNCIA DA HEROÍNA NO JAZZ NÃO É OCASIONAL. A RELAÇÃO JÁ DEU ORIGEM ATÉ A ESTUDOS ACADÊMICOS DE PSICOLOGIA DO COMPORTAMENTO

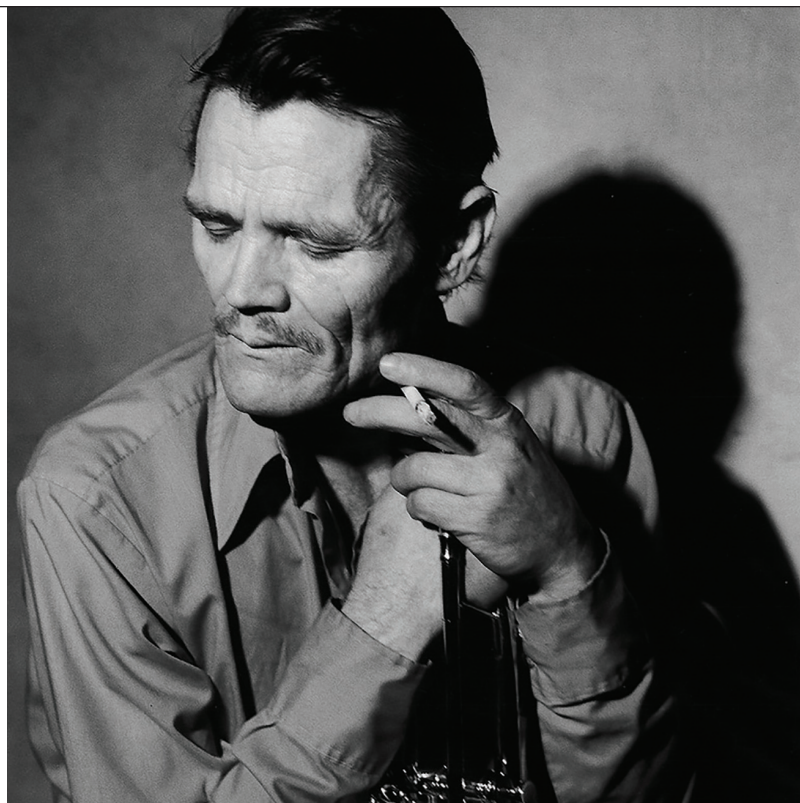
certa indolência na voz fraca, e, sobretudo, na própria ousadia de cantar alguns standards. O resultado dessa combinação, no entanto, foi reconhecidamente marcante. Suas interpretações deixavam uma aura de melancolia e desprendimento que forjaram o que genericamente se caracteriza como cool jazz, designação, talvez, mais de uma postura em relação à interpretação e ao próprio estilo de vida, do que propriamente de uma vertente específica do gênero.

na iminência de morrer com a heroína”. Além de Charlie Parker e Billy Holiday, também foram vítimas da epidemia Stan Levey, Gerry Mulligan, Art Barkley, John Coltrane, Dexter Gordon, Chet Baker, Stan Getz, Miles Davis e Bill Evans, para ficar entre os mais famosos.

Os “historiadores do jazz”, entre eles Erick Hobsbawn, Collier, James L. e Andre Francis, apontam para uma tendência relevante sobre o tema. Durante o florescimento do gênero em centros como Nova York havia uma espécie de ritual de iniciação ao mundo do jazz que passava pelo consumo de drogas e pela inserção no submundo de bares, tráfico e criminalidade. Vários artistas declararam que sua iniciação teria passado um tipo de “praxe” nos círculos musicais ligado ao consumo de substâncias proibidas. Billy Holliday, Miles Davis, até mesmo a brasileira Flora Purim, que chegou a gravar com a geração *Return to Forever*, testemunham a relação. O mundo do rock, que nos anos 1960 criou um verdadeiro culto pop a comportamentos transgressores, não foi o precursor dessa relação, nem sempre produtiva, entre a música e as substâncias tóxicas. Quando os Rolling Stones gravam *Brown Sugar*, em 1971, uma daquelas apologias veladas ao paraíso perigoso dos estados alterados de consciência, a heroína já havia feito várias vítimas no mundo do jazz.

Sobre esse tema a BBC publicou recentemente os resultados do estudo do psicólogo Geoffrey Wills, de Stockport, no norte da Inglaterra. Wills pesquisou a vida de 40 grandes mestres do jazz para analisar a relação entre a droga e a música.


“O pesquisador concluiu que a propensão para os distúrbios de comportamento entre eles era quatro vezes maior que a média da sociedade, e a dependência de drogas era oito vezes superior à média. O uso intenso de drogas era outra característica comum, e mais da metade dos 40 músicos foi viciada em heroína em algum momento da vida. Miles Davis, Art Pepper e Bill Evans eram grandes usuários de cocaína, de acordo com Wills. O pesquisador nota que a heroína utilizada pelos músicos era



Chet Baker (1929-1988)

normalmente encontrada nos bairros pobres, em geral habitados por negros, nas grandes cidades. “O jazz moderno era uma música revolucionária e rejeitada pelo grande público, e a heroína, como a música, era um modo de desafiar a sociedade”, diz o psicólogo.” Wills conclui:

“Não quero dizer que todos os músicos de jazz são loucos, mas quero destacar uma tendência em relação à saúde mental que pode ser também percebida em pessoas em outras atividades criativas”, diz Wills. Fonte: <http://www.bbc.com/portuguese/cultura/story/2003/09/printable/030902_jazzpc.shtml>.

Born to be Blue proporciona uma ótima introdução ao universo sonoro de Chet Baker, sobretudo porque Robert Budreau soube escolher muito bem o repertório melancólico do filme e não poupou o artista do aspecto decadente sem o qual não se poderia retratar sua história. Uma piada de mau gosto do mundo do jazz não faz jus ao talento de Chet Baker mas representa bem os efeitos da heroína sobre a face do artista. Quando iniciou sua carreira Chet Baker era chamado de James Dean do Jazz, quando morreu, aos 58 anos, parecia Jack Palance. 



Eli Vagner F. Rodrigues é professor de Filosofia e Ética da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Unesp de Bauru.

Obra completa, de Raduan Nassar

ARTIGO DISCUTE
AS VOZES
INSURGENTES
QUE ECOAM EM
SEUS TEXTOS

Nos últimos dias, tenho observado uma série de queixas nas redes sociais e em lugares mais ordinários sobre as intempéries que se abateram sobre o Brasil e outros lugares ao redor do mundo: da prática política brasileira à morte de determinadas celebridades; da demissão de alguns profissionais midiáticos ao preço alto dos combustíveis; da Síria devastada ao assassinato de um jovem estudante por seu pai por se rebelar contra a

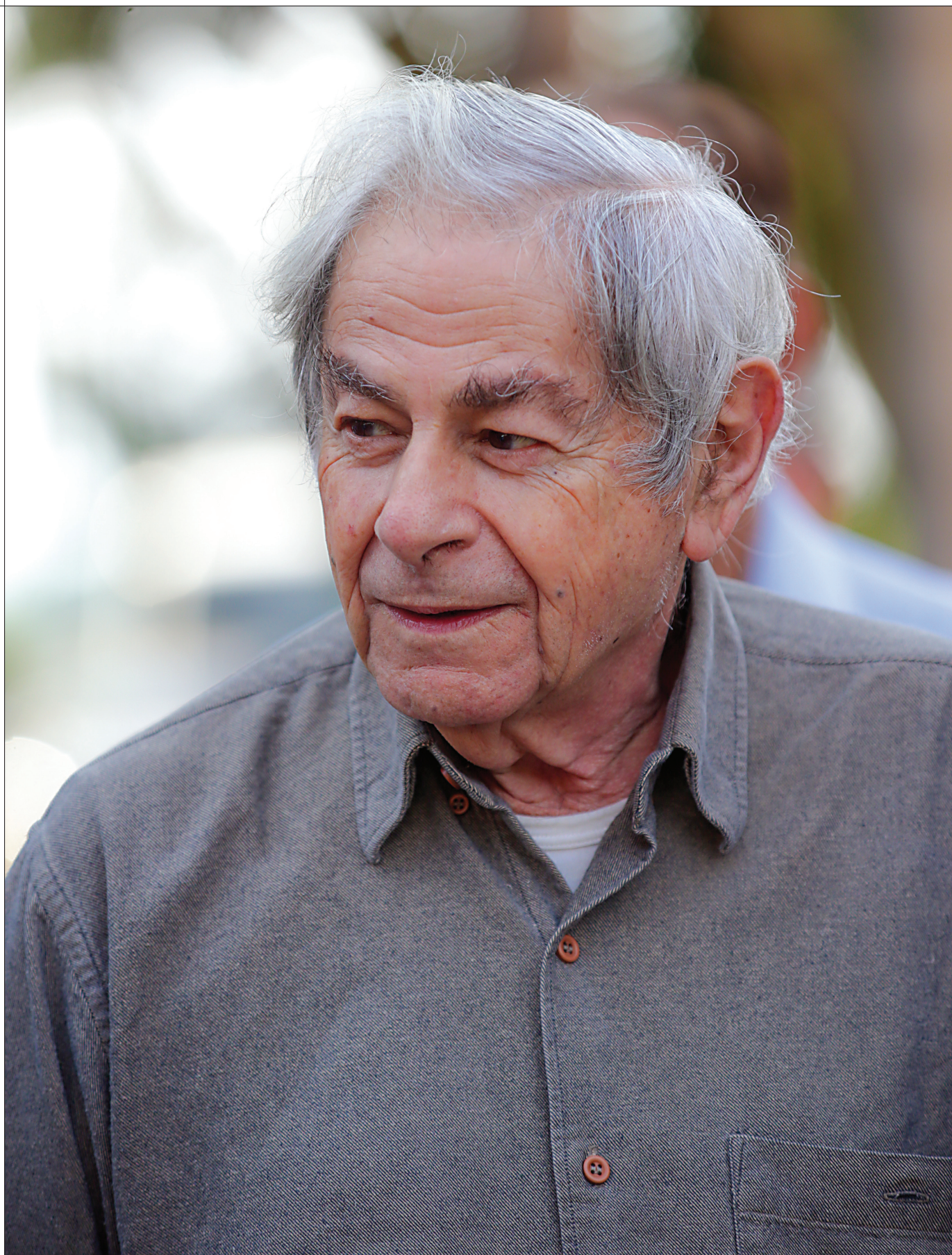
O leitor que já conhecia o romance *Lavoura arcaica* (1975), a novela *Um copo de cólera* (escrita em 1970 e publicada em 1978) e *Menina a caminho* (uma coletânea de contos escritos entre as décadas de 1960/1970 e publicada somente em 1997) tem agora em *Obra completa* o que o próprio autor designou como “Safrinha”: dois contos e um ensaio, intitulados, respectivamente, de *O velho*, *Monsenhores* e *A corrente do esforço humano*.

Não seria nenhuma novidade afirmar que os textos de Nassar, especificamente, os três primeiros livros, estão na contramão de um sistema arcaico e bastante petrificado que hierarquiza as relações entre determinados sujeitos. Dito de outro modo, essas relações de poder estabelecidas histórica, cultural e socialmente: pai e demais membros familiares; homem sobre a mulher e outros atores sociais mais fragilizados; o forte que subjuga o mais fraco; a constante violência simbólica à qual muitos estão submetidos diuturnamente.

E como Nassar desestabiliza essas relações instituídas cujo poderio pertence apenas a um? André, personagem de *Lavoura arcaica*, desafia o patriarca da família, Iohána, demonstrando que outros discursos, além dos do pai, são possíveis; desmantela toda a estrutura familiar ao entregar-se à paixão incestuosa por Ana, sua

SUPONDO-SE QUE TODO HOMEM SEJA PORTADOR DE UMA EXIGÊNCIA ÉTICA, NÃO HÁ COMO ESTAR DE ACORDO COM A DOMINAÇÃO DE UNS SOBRE OUTROS. PENSO, COMO MUITOS, QUE SEJA POSSÍVEL IMAGINAR CAMINHOS DIFERENTES PARA AS RELAÇÕES ENTRE INDIVÍDUOS E ENTRE POVOS, E PENSO MESMO QUE NÃO EXISTE NADA MAIS BELO E COMOVENTE DO QUE PERSEGUIR UTOPIAS. (RADUAN NASSAR)

“ordem” estabelecida. Há, no entanto, os que enxergam algumas alegrias em meio às trevas desse famigerado ano – aquelas alegrias difíceis, como nos fez saber Clarice Lispector, mas alegrias... No último mês de 2016, por exemplo, chegou até as minhas mãos *Obra completa*, do escritor Raduan Nassar.





Cena do filme baseado no livro *Lavoura arcaica*

irmã; põe a nu as angústias e dores de todos os membros da família – a começar pela mãe (personagem sem nome – apenas mãe –, indicando sua completa inexistência no que diz respeito a ter direito a voz que ecoe no interior da casa) até chegar a Lula, o filho mais jovem – por estarem subjugados pelo pai.

“PEDRO, MEU IRMÃO, ERAM INCONSISTENTES OS SERMÕES DO PAI”, EU DISSE DE REPENTE COM A FRIVOLIDADE DE QUEM SE REBELA, SENTINDO POR UM INSTANTE, AINDA QUE FUGAZ, SUA MÃO ENSAIANDO COM ASPEREZA O GESTO DE REPRIMENDA, MAS LOGO SE RETRAINDO CALADA E PRESSUROSOSA, ERA A MÃO ASSUSTADA DA FAMÍLIA SAÍDA DA MESA DOS SERMÕES; QUE ROSTOS MAIS COALHADOS, NOSSOS ROSTOS ADOLESCENTES EM VOLTA DAQUELA MESA [...] (NASSAR, 2016, P. 50-51)

O herói da narrativa denuncia, conforme se observa no excerto, esse pai opressor que assola os ombros de todos, com o discurso-sermão, tal como uma espécie de pedra sem polimento. A derrocada da família dá-se quando o patriarca descobre, por intermédio de Pedro, o irmão primogênito, a relação incestuosa entre André e Ana; esta é assassinada pelo pai com

um alfanje, na tentativa última de preservar a família, eliminando o demônio do incesto de sua casa. Intento, no entanto, fracassado, pois ao tentar reestabelecer a ordem, acaba por arruiná-la definitivamente.

Em *Um copo de cólera*, quem ousa insurgir-se contra o poderio masculino ou fazer frente ao andocentrismo é a personagem feminina que vai até as últimas consequências na tentativa de se fazer ouvir, ter direito à fala para se defender da personagem masculina. Eles mantêm um relacionamento sob algumas convenções acertadas por ambos; isto não está explícito na novela, mas por efeito de sugestão – a constante presença da moça na casa do chacareiro – o leitor poderá deduzir os arranjos entre eles.

Um texto extremamente enxuto, mas de uma densidade exacerbada e excitante (no duplo sentido do termo); o casal relaciona-se sexualmente, conforme uma minuciosa descrição disposta no subcapítulo “Na cama” carregada de lirismo, imagens, metáforas. Após, advém uma discussão corriqueira sobre umas saúvas que destruíram a sebe da chácara da personagem masculina e o conflito aparentemente ordinário transformou-se numa guerra discursiva estrondosa entre os dois. O chacareiro começa

a atacar a personagem feminina, evidenciando como nas relações de gênero a mulher é um ser inferiorizado, objetado e abjeto.

A personagem feminina é ridicularizada em sua profissão: “[...] ‘você aí, você aí’ eu disparei de supetão ‘você aí, sua jornalista de merda’ [...]” (NASSAR, 2016, p. 240); em qualquer opinião que emita é extremamente execrada, pois o chacareiro acredita ser ela – uma mulher – um sujeito idiotizado: “[...] ‘não é você que vai me ensinar como se trata um empregado’ [...]” (NASSAR, 2016, p. 236), ou ainda, “[...] ‘nunca te passou pela cabeça que tudo que você diz, e tudo que você vomita, é tudo coisa que você ouviu de orelhada [...]’” (NASSAR, 2016, p. 243-44).

O que endossa nosso pensamento sobre as relações de gênero – aqui precisamente violência de gênero – tem a ver com o que o homem-chacareiro pensa sobre a mulher-personagem feminina como um ser inferiorizado: “[...] fui pr’uma área em que ela se gabava como femeazinha livre, é ali que eu a pegaria [...]” (NASSAR, 2016, p. 238), ademais: “[...] você só trepava como donzela, que sem minha alavanca você não é porra nenhuma, que eu tenho outra vida e outro peso [...]” (NASSAR, 2016, 244). Nas palavras da personagem masculina, a mulher não é uma cidadã livre, tampouco pode circular democraticamente em todos os espaços sociais; é sempre inferior ao homem, inclusive sexualmente, pois a personagem nassariana exalta seu falo em detrimento da prática sexual da mulher; esta, como se observa, não tem o mesmo valor do homem que detém outro valor e outra vida melhores que os da mulher.

Para além da relação entre as personagens, *Um copo* representa o modo fascista/opressor como o chacareiro conduz tudo em seu patriarcado-chácara:

É visível como o chacareiro exerce seu poderio não apenas em relação à mulher (seja pela violência simbólica, física, de gênero), mas também com os trabalhadores, sujeitos silenciados diante do patrão, da possibilidade de desemprego, da falta de moradia, etc. Daí

que dona Maria e o marido submetem-se aos desmandos e aos pequenos poderes (Foucault) da personagem masculina que se comporta como um ditador em relação àquelas pessoas que estão em seu entorno.

[...] BASTOU DONA MARIANA ABRIR A BOCA PR’EU DESEMBESTAR “EU JÁ DISSE QUE O HORÁRIO DAQUI É DAS SEIS ÀS QUATRO, DEPOIS DISSO EU NÃO QUERO VER A SENHORA NA CASA, NEM ELE NA MINHA FRENTE, MAS DENTRO DESSE HORÁRIO EU NÃO ADMITO, A SENHORA ESTÁ ENTENDENDO? E A SENHORA DEVE DIZER ISSO AO SEU MARIDO, A SENHORA ESTÁ ME OUVINDO” E O MEU BERRO TINHA FORÇA [...] QUE A DONA MARIA NÃO SABIA O QUE FAZER [...] (NASSAR, 2016, P. 233).

Em *Menina a caminho*, livro de contos, uns bastante extensos, outros menos e um de apenas uma lauda. Nesses textos literários, as personagens buscam respostas para suas vidas fatigadas e engolidas pelos engendramentos sociais e os meandros da contingência; estão explicitamente a caminho, em busca de seus desejos e, para tal, precisam enfrentar a sociedade em suas microestruturas. Nesse sentido, cada conto, com um *locus* de enunciação distinto, representa um ambiente, onde as relações conflituosas entre as pessoas são bastante evidentes.

O conto de nome homônimo ao do livro narra a história de uma menina pobre, descalça, despenteada, suja – um corpo dissidente – que caminha pelas ruas de uma pequena cidade do interior e vivencia toda sorte de violência simbólica. Tem a missão de dar um recado de sua mãe ao dono do armazém, seu Américo, e ao fazê-lo: “‘Puxa daqui, puxa já daqui, sua cadelinha encardida, já agora senão te enfio essa garrafa com fogo e tudo na bocetinha, e também na puta da tua mãe, e na puta daquela tua mãe...’” (NASSAR, 2016, p. 321).

Ao dar o recado da mãe a seu Américo, a protagonista do conto retorna para casa e presença, entre todas as outras, a maior violência, a praticada por seu pai contra sua mãe

que é severamente agredida com um chicote e xingamentos. No interior desses textos, os sujeitos ficcionais – Ana, de *Lavoura*; a personagem feminina de *Um copo de cólera*; mãe e filha, de *Menina a caminho* – são todos submetidos à violência masculina, ao patriarcado, onde o homem “recebe” poderes e privilégios sobre a mulher. Quero pensar, então, nessa perspectiva, num projeto est(ético) elaborado por Raduan Nassar que denuncia a violência contra a mulher, o proletário, o sujeito mais indefeso e mais frágil. Ademais, o escritor brasileiro dá voz a todos esses sujeitos, como uma forma de insurgência, que perturbam os ouvidos do leitor que se permite ouvir os narradores nassarianos.

“RECONHEÇO SÓ PELO ARRANQUE O CARRO DOS QUE ESTÃO À MINHA CAÇA, NÃO ACEITAM QUE EU CONTRARIE SEUS INTERESSES” DIZ DE MODO INTEMPESTIVO O JOVEM COLETOR, A VOZ FIRME, FAZENDO-SE OUVIR EXCEPCIONALMENTE NAQUELA MESA. “NÃO CEDI A ELES, QUANDO SE APRESENTAVAM COMO AMIGOS, QUANDO SE APRESENTAVAM COMO INIMIGOS, NÃO ME VENDI DEPOIS, QUANDO SE DIZIAM REALISTAS, TENTAM AGORA ME DIFAMAR COMO INIMIGO. SE NÃO ME DOBRAR A ESSA CHANTAGEM, MATAM” DIZ O MOÇO E SE TRANCA (NASSAR, 2016, P. 376).

Em *Obra completa*, de Raduan Nassar, deparo-me com três textos, até então inéditos no Brasil, que compõem a “Safrinha” (os contos: *O velho*, escrito em 1958, publicado na França em 1998, em *Des nouvelles du Brésil*, 1945-1998; *Monsenhores*, escrito em 1958, sem referência de onde e quando fora publicado pela primeira vez; *A corrente do esforço humano*, ensaio escrito em 1981, publicado na Alemanha em 1987, em *Lateinamerikaner über Europa*, e de imediato percebo a continuação de um projeto estético: o trabalho profundo com as palavras, as imagens mais engenhosas, a temática perturbadora, a vida precária de determinadas personagens, a densidade enxuta que dão ao leitor a palavra exata/categórica,

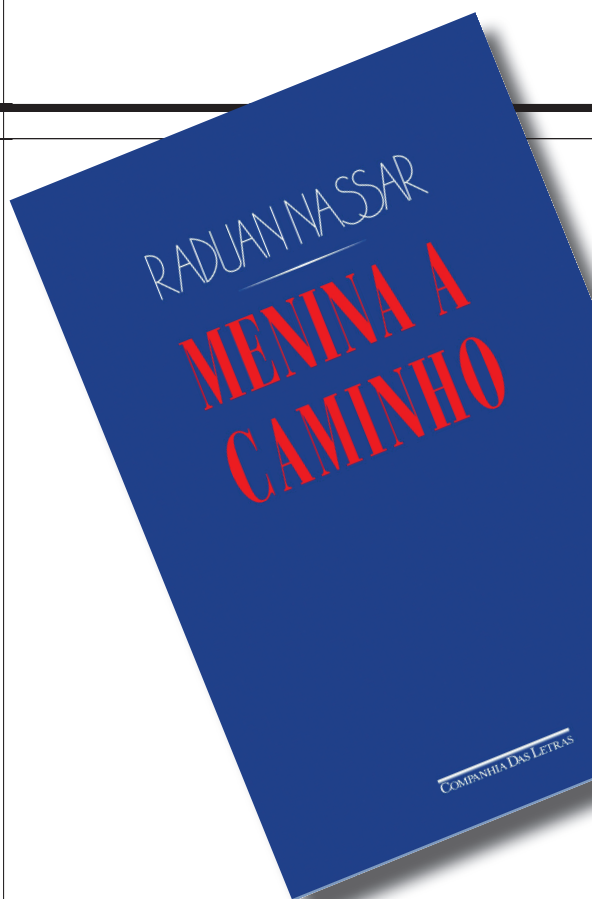
tal como já é sabido, por intermédio de seus textos anteriores.

Com o ensaio, não é diferente. Há quem diga que o texto do intelectual diverge do discurso do escritor, como se fosse possível desvencilhar um do outro. O texto crítico em que Nassar trata acerca da cultura brasileira e de como esta foi e continua subjugada pelos países hegemônicos está atravessado por uma construção poético-literária que em muitos momentos titubeio se estou diante de um texto ensaístico ou literário.

N’*O velho*, o leitor, num primeiro momento, tem a impressão de se deparar com a vida prosaica de um casal de idosos, dono de uma pensão, mas ao seguir os passos do narrador, dá-se conta de que um mistério toma conta de toda a narrativa ao qual ninguém tem acesso completo, mas pequenas pistas. Esse mistério está ligado a um advogado honesto e irreprensível, hóspede na casa do casal, que trabalha na cidade e passa a receber chantagens não se sabe de quem nem por quê.

Tenho a impressão a partir desse excerto de estar diante de uma alegoria nacional – o Estado-nação e seu sistema operacional que ainda hoje é vigente: a sociedade encontra-se de algum modo acorrentada pelas práticas que engendram injustiças, desigualdades sociais, corrupção, eliminação dos sujeitos que não se enquadram. Para a filósofa Hannah Arendt (*Sobre a violência*, 2011), não é possível, hoje, lutar contra as engrenagens do Estado; este tem a seu favor um arsenal bélico de alta destruição e esmagaria qualquer grupo organizado que se insurgisse. Parece-me que o que resta é aceitação passiva dos desmandos aos quais os cidadãos estão submetidos, tal qual faz o velho do texto de Raduan: “O velho suspende a investigação [...]” (NASSAR, 2016, p. 379). E: “O velho volta a sentar, descendo a mão espalmada pelo rosto, como se enxugasse o suor desde o alto da testa [...] Mole, distenso, fecha os olhos. “Farras” murmura, e adormece (NASSAR, 2016, p. 381).

A personagem entende que seria uma perda de tempo se angustiar por algo que não



pode resolver e se entrega ao embalo da vida corriqueira ao se dar conta de que o jovem incorruptível, por efeito de sugestão, entrega-se à sedução da moça que está em conluio com os inimigos chantagistas. Diante disso, as últimas palavras do narrador: “O velho não se perturba, não perde a serenidade de agora. Nada no seu semblante revela aflição [...] Olha pro alto. O céu, como um fruto, está maduro. E há em tudo um clima silencioso de espera” (NASSAR, 2016, p. 382-83).

Em *Monsenhores*, também há um clima de mistério instaurado diante da ordinariedade cotidiana de uma dona de casa, dona Ermínia, comadre de Luca e Lucila; esta amiga daquela desde os tempos do Curso Normal, dona de uma alegria contagiante e irreverente: “[...] foi então que sua imagem inteligente, petulante, desafiadora, me explodiu na memória, dizendo [...] naquele seu jeito exuberante, cheia de rebeldia, nós não passamos de umas fêmeas menstruadas [...]” (NASSAR, 2016, p. 397). O leitor, no entanto, ao adentrar a leitura, percebe que o cotidiano pode ser surpreendentemente modificado pelo que Lacan convencionou chamar, na psicanálise, de irrupção do Real.

Essa atmosfera de mistério não se parece à do conto anterior, pois não há algo a ser re-

solvido/solucionado. Embora o conto tenha apenas um parágrafo e as informações sejam dadas numa enxurrada verbal, a narradora-personagem-Ermínia faz uma série de digressões sobre sua vida: o marido, os filhos, as tarefas domésticas, o encontro que teve com Lucila há menos de vinte dias, protelando, assim, a informação sobre o que teria acontecido com sua amiga, causando no leitor um forte efeito de expectativa.

Nos momentos finais de *Monsenhores*, o espectador é surpreendido com a loucura de Lucila descrita por sua amiga nesses termos: “[...] fiquei olhando demoradamente pra ela na esperança de encontrar um ponto de luz naquele seu olhar embaçado que não me enxergava [...] tive o pressentimento de que Lucila tinha entrado num túnel de onde não sairia nunca mais, se entregando a um fim sem volta [...]” (NASSAR, 2016, p. 397). A narradora, no entanto, já havia cifrado anteriormente algumas informações acerca do que supostamente aconteceria com a amiga, na ocasião em que se encontraram aproximadamente vinte dias antes: já se encontrava calada, triste, alheia a tudo. “[...] disse ‘Lucila!’, mas ela nem me olhava, o rosto de fazer pena, e sem mais deixou a cozinha [...] voltei a chamá-la, mas ela

nem sequer ergueu os olhos, até que, daquele jeito desligada, saiu pra rua [...] e eu, só pensando naquela esquisitice [...] (NASSAR, 2016, p. 390).


A literatura nassariana mais que dar qualquer resposta põe uma série de perguntas que questionam o nosso ser alocado dentro de um espaço social e a maneira como este nos engendra: como é possível alguém em suas perfeitas faculdades físicas e mentais de repente entrar num surto de loucura? O que é possível fazer quando somos assolados por um quadro assim? E se de repente “eu” entrasse nesse mesmo túnel que Lucila?

SEM A MENOR DÚVIDA, OS COLONIZADORES EUROPEUS PODERIAM REALIZAR SUA “TAREFA HISTÓRICA” SEM MAIORES RODEIOS – A FERRO E FOGO – COMO EFETIVAMENTE FIZERAM. COUBE PORÉM A INTELLECTUAIS EUROPEUS, O QUE CHOCA MAS NÃO SURPREENDE, ELABORAR UMA IMAGEM DOS POVOS QUE JUSTIFICASSE E LEGITIMASSE ESSA DOMINAÇÃO, CONVERTENDO-A EM “TAREFA CIVILIZATÓRIA” (NASSAR, 2016, P. 410).

O último texto de Raduan Nassar, em sua *Obra completa*, o ensaio *A corrente do esforço humano*, trata, entre outros, de nosso frágil-pejorativo pensamento sobre nós mesmos: frágil porque compramos, endossamos, aceitamos, difundimos ideias importadas sobre quem e como somos; pejorativo por acreditar que nossa cultura e os produtos que emergem dela (intelectuais ou materiais) são infinitamente inferiores em relação aos provenientes de outras geografias: aquelas hegemônicas, mais precisamente a Europa. Acreditamos (e lamentavelmente a academia também) que somos um povo indefinido por nossa hibridez, mestiçagem, mistura de raças/sangues e não nos atentamos que toda cultura é híbrida e, por seguinte, o povo alocado nela também o é: “[...] ainda hoje, apesar de mudanças de atitudes, brasileiros, inclusive letrados, continuam a interiorizar ideias colonialistas [...]” (NASSAR, 2016, p. 412). A essa falta de reflexão, eu diria

de senso, que Nassar nos chama a atenção – o europeu, por exemplo, é tão miscigenado como os latino-americanos. Vide a mistura de sangue que os habitantes da Península Ibérica – nossos colonizadores – sofreram antes de se tornarem o que são hoje. O dado interessante é que esses mesmos povos híbridos inventaram teorias acerca dos colonizados, inferiorizando-nos justamente por esse rasgo de miscigenação.

Essas proposições ensaísticas nassarianas dariam para jogar um pouco de luz sobre seus próprios textos literários, em menor escala, claro, por se tratar de discursos com microestruturas sociais. Nassar, ao se insurgir contra o poderio dos países hegemônicos e o pensamento deles que nos subjuga, nos coloca num espaço inferior, nos escraviza, ridiculariza nossa produção cultural, intelectual, industrial, faz com que suas personagens se insurjam também contra: a “ordem” patriarcal, severa, castradora, despótica perpetrada por Iohána, em *Lavoura arcaica*; o machismo, a violência de gênero, física, simbólica, a submissão/valorização do homem sobre a mulher, a androginia, o andocentrismo, no qual as personagens do conto “Menina a caminho” – mãe e filha –, a personagem feminina de *Um copo de cólera* e Ana, de *Lavoura* estão submetidas; as arbitrariedades políticas as quais a sociedade brasileira enfrenta, conforme se observa em *O velho*; o rechaço às dissidências de sujeitos desenquadrados socialmente, como os loucos, por exemplo, do qual *Monsenhores* nos dá um exemplo carregado de poesia.

Raduan Nassar ao longo de todos os seus textos (literários ou não) demonstra uma fidelidade com sua escrita num projeto est(ético) que está para além das convenções e paradigmas exigidos por certos membros da crítica literária vigente. Sua literatura, *grosso modo*, põe um espelho imenso em nossa frente e grita: “veja quem você é!” Espero que outras obras surjam e nos tomem de assalto, nos desestabilizem, nos façam ouvir outras vozes, sentir outros cheiros, enxergar outras cores, como essas dispostas em *Obra completa*. 



Flávio Adriano Nantes Nunes é doutorando do Programa de Pós-graduação em Letras, na área de Teoria e Estudos Literários, da Unesp de São José do Rio Preto, e professor assistente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/CCHS).



O Ocidente dividido:
pequenos escritos
políticos X;
Jürgen Habermas;
Seleção, tradução,
apresentação e notas: Bianca
Tavolari;
281 págs., R\$ 58,00

Mais informações sobre os
livros publicados pela
Editora Unesp estão
disponíveis no site:
<www.editoraunesp.com.br>.

Filósofo discute a divisão política dos países ocidentais

DEFESA DO
PROJETO
CIVILIZATÓRIO
KANTIANO

SOBRE O AUTOR

Nascido na Alemanha em 1929, Jürgen Habermas criou uma nova visão a respeito das relações entre linguagem e sociedade. Foi professor de Filosofia da Universidade de Heidelberg e também na New York School for Social Research, além de codiretor do Instituto Max Planck para a Investigação das Condições de Vida do Mundo Técnico-Científico, em Starnberg. Pela Editora Unesp, já publicou mais de uma dezena de títulos agrupados na Coleção Habermas.

As revoluções que abalaram e transformaram o Ocidente em fins do século XVIII levaram Kant a reflexões que resultaram na ideia de uma República Mundial, conceito que logo evoluiu para uma espécie de Confederação de Estados soberanos que obedeceriam ao que o filósofo denominou de direito cosmopolita. Agora, no século XXI, uma série de eventos voltam a modificar o panorama político global e outro grande pensador, Jürgen Habermas, enfrenta as questões daí resultantes. Suas análises sobre assuntos como governança global, meio ambiente, trocas comerciais e fluxos de capitais estão reunidas em *O Ocidente dividido: pequenos escritos políticos X*, lançamento da Editora Unesp.

Este amplo diagnóstico de nossa época é marcado pela defesa insistente de uma maior institucionalização das normas do direito cosmopolita, de nítida inspiração kantiana. Tendo os atentados de 11 de setembro – e a linha política adotada pelos EUA a partir daquele momento, com as respectivas respostas europeias – como ponto focal do abalo sofrido pelas estruturas normativas da política inter-

nacional vigente desde o final da II Guerra Mundial, Habermas luta contra a cisão que percebe hoje no mundo ocidental.

Alertando para o perigo do estabelecimento de uma ordem hegemônica norte-americana vinculada à política de combate ao terrorismo – que “ignora o direito internacional, marginaliza as Nações Unidas e mantém o rompimento com a Europa” –, oferece propostas teóricas de forma a encontrar a legitimidade necessária para que estruturas supranacionais, especialmente a ONU, possam lidar com a manutenção da paz e a defesa dos direitos humanos.

Nesta coletânea de textos e entrevistas, Habermas mantém a esperança no ideal cosmopolita kantiano como projeto civilizatório nas relações entre Estados soberanos. Seja defendendo uma política externa comum para a determinação de novas responsabilidades políticas europeias, em texto que assina conjuntamente com Jacques Derrida, seja combatendo o unilateralismo norte-americano, o filósofo alemão transpassa as questões mais decisivas da política ocidental no século XXI. UC



Representantes do movimento nacional A Previdência é nossa! Pelo Direito de se Aposentar! fazem um abraço em frente ao prédio do Ministério

© Paula Labossière/Agência Brasil

Sustentabilidade fiscal

TRÊS ARTIGOS ENFOCAM A POLÊMICA E NECESSÁRIA REFORMA DA PREVIDÊNCIA

DERRETIMENTO FISCAL E DESEQUILÍBRIO INTERGERACIONAL NA PREVIDÊNCIA SOCIAL

ANDRÉ REHBEIN SATHLER E VALDEMIR PIRES

A cordamos e vamos ao trabalho todos os dias, sem nos preocupar com o derretimento da calota polar. Décadas de alertas, insistência sobre o aquecimento global ainda não foram suficientes para conformar comportamentos defensivos. Isso porque riscos futuros e difusos não sensibilizam uma espécie cuja evolução se deu a partir da perspectiva de caçadores-coletores que tomavam decisões instantâneas para cada variação ambiental que se apresentasse – como decidir fugir de um predador, por exemplo.

O mesmo comportamento omissivo se verifica diante dos dilemas do Estado de bem-estar social. Este, para sobreviver, precisa convencer seus cidadãos de que a questão do gasto social (como o previdenciário, por exemplo) envolve aspectos de justiça distributiva, ou seja, não são apenas gastos obrigatórios contratados no passado e pagos no presente e assim sucessivamente – são, também, gastos contratados no presente, para serem pagos no futuro. A lógica do “seguro” social, que está, inclusive, na denominação dos sistemas governamentais responsáveis pela questão – national insurance, social security e o nosso Instituto Nacional de Seguro Social – é insuficiente: há que se bancar as despesas. Afinal, sempre haverá a classe média e a superior a avaliarem se existem possibilidades mais baratas de securitização do que as oferecidas pelo Estado.

Após o convencimento, o passo seguinte é que todos compreendam que a sustentabilidade fiscal depende da equidade intergeracional. Da mesma forma que os graus Celsius adicionais de aquecimento do planeta cobrarão um mundo sem Groenlândia aos nossos netos, cada unidade monetária que consumimos em gasto corrente na atualidade cobrará um nível muito mais elevado de carga tributária aos nossos descendentes. O quanto desse fardo eles serão capazes de suportar? Infelizmente, esse é um típico jogo de soma-zero: mais tranquilidade agora significa inexoravelmente sacrifícios maiores depois.

Por isso, uma reforma da previdência que atinja quem já está no sistema será muito difícil, quiçá impossível. Por essa via, o sistema previdenciário tende a derreter: não será possível pagar a todos que têm e os que virão a adquirir o direito à aposentadoria. Fazer uma reforma apenas para quem ainda vai entrar no mercado de trabalho tem o efeito de reduzir as resistências e possibilitar medidas de maior alcance. Mas manter obrigatória uma contribuição previdenciária cujo “ressarcimento”, na forma de aposentadoria, pode não ocorrer porque a probabilidade de sobrevida é pequena (já que a idade para obter o benefício é muito alta), é impor aos ingressantes algo absolutamente absurdo. A descoberta de um planeta com características similares às da Terra inspira sonhadores com a solução migratória (para o problema do aquecimento global). Em que planeta estará a solução para a questão da previdência?

A REFORMA DA PREVIDÊNCIA E A DESORGANIZAÇÃO DA CONFIANÇA

ANDRÉ REHBEIN SATHLER, MALENA REHBEIN-SATHLER E VALDEMIR PIRES

Arriscam-se os governantes que se acham onipotentes, acreditando que o contrato social está assinado de uma vez por todas. Estudiosa sobre democracia e participação, Nádya Urbinatti insiste que a manifestação da sobe-

rania via representação, na democracia representativa, não é um cheque em branco – tem que ser continuamente repactuado. Portanto está para além do voto (sim, ele continua sendo um importante legitimador, mas hoje está longe de ser suficiente, como claramente tem demonstrado a sociedade). Inserindo o pensamento de Urbinatti na esfera do contratualismo, podemos afirmar que o contrato fundante do Estado precisa ser continuamente renegociado.

Não se concebe mais, sobretudo em tempos de internet e informação amplamente disseminada, uma cidadania afásica e autocomplacente com categorias políticas obsoletas. A satisfação difusa com as instituições, originária da confiança mínima no pacto hobbesiano de não-agressão, pode rapidamente se converter em formas difusas de ressentimento, a envenenar todo o ambiente político. No palco, então, a desorganização da confiança.

AS MUDANÇAS NA PREVIDÊNCIA DEVEM VALER PARA QUEM AINDA VAI ENTRAR NO JOGO

Quando é o próprio Estado a romper compromissos, é inexorável o questionamento ao contrato original. O sistema de Previdência Social é um caso clássico e não é por outra razão que a mera sugestão de sua reforma cause tanta reação. A Previdência trouxe ao trabalhador a possibilidade de planejar sua vida no longo prazo, concebendo um tempo de ócio remunerado, no qual teria, minimamente, asseguradas suas condições de sobrevivência. Com base nas regras propostas, sejam elas quais forem, os trabalhadores estruturam sua vida e suas expectativas, para o tempo longo de toda uma geração, e se movem no presente com base na previsibilidade gerada pelas regras (instituições) quanto ao futuro.

Mais do que ativos financeiros, o cidadão tem ativos emocionais e planejamento de vida investidos na Previdência. Protagoniza sua vida com base no modelo mental configurado pelas instituições e confiante que o Estado

as manterá em disciplina. Essa confiança é o colágeno que une todos a todos e cada um ao Leviatã. Se o cidadão não puder confiar neste contrato, por que há de cumprir sua parte?

Propor uma reforma na Previdência que atinge diretamente pessoas que já estão no sistema, por mais que se imaginem criativas regras de transição, é mexer no coração dessa confiança, desestabilizando-a. Algo extremamente grave para uma democracia. Sofisticados argumentos jurídicos estão no debate à tentativa de justificar que não há que se reclamar contra direitos que não seriam, à guisa de contraponto, adquiridos. Tenta-se justificar o rompimento por parte do Estado, sem dar-se conta de que não só este contrato, mas tantos outros, podem simplesmente ser entendidos como nulos pela sociedade. É preciso organizar a confiança.



André Rehbein Sathler é economista, doutor em Filosofia e coordenador do Mestrado Profissional em Poder Legislativo da Câmara dos Deputados.

DA PREVIDÊNCIA À VIOLÊNCIA: ESTADO E CONFIANÇA ORGANIZADA

ANDRÉ REHBEIN SATHLER, MALENA REHBEIN-SATHLER E VALDEMIR PIRES

Exploramos em artigo recente o tema da desorganização da confiança. Ela acontece quando o Estado, o responsável-mor pela confiança, age como o primeiro a desrespeitá-la. Um Estado que age assim flerta com a ilegitimidade, pois essa se apoia, entre outros princípios, na noção de que o Leviatã tem igual consideração pelo destino de todos os cidadãos que a ele aderiram por contrato. Legítimo e, portanto, passível de ser chamado à prova, é o Estado que assume a responsabilidade de fazer escolhas levando em conta o quanto essas custam para os outros. Quando age assim, o Estado aglutina a sociedade com o colágeno da confiança.

Como resolver essa equação diante de um tema espinhoso como a Previdência Social? Não foi à toa que escolhemos, para nossa abordagem, associar a discussão à confiança. Previdência é confiança pura: confiança no governo, confiança no futuro, confiança em



Valdemir Pires é economista, professor e pesquisador do Departamento de Administração Pública da Unesp.



Malena Rehbein-Sathler é docente do Mestrado em Poder Legislativo da Câmara dos Deputados.



agentes financeiros... Essa confiança se estabelece a partir das regras estabelecidas. Regras são importantes em qualquer jogo, mas em se tratando de investimentos presentes para retornos futuros, criação de reserva de valor para tempos menos produtivos e busca de segurança pessoal e familiar, elas se tornam ainda mais preponderantes.

Por isso, independentemente das profecias catastróficas dos economistas e ascetas do orçamento público, compreendemos que mudanças na Previdência devem valer para quem ainda vai entrar no jogo. Não desprezamos a necessidade de equilíbrio fiscal e, parafrazeando Dworkin, reconhecemos que somente os sonâmbulos éticos podem sonhar, ridiculamente, com vidas principescas para todos. Mas apontamos para as grandes contradições, desencontros e versões conflituosas que emergem da quiromancia daqueles que ousam violar o hermético orçamento público.

Na prática, entendemos que deixar a mudança para as próximas gerações tem o efeito de simular o véu da ignorância de Rawls. As



Manifestação do Movimento Nacional dos Especialistas em Direito Previdenciário, com o apoio da Ordem dos Advogados do Brasil, contra a reforma da Previdência, em Copacabana – Rio de Janeiro.

As pessoas que ainda não ingressaram no sistema da Previdência Social, em sua ampla maioria jovens, ainda não testaram suas habilidades, estão desenvolvendo suas preferências e, portanto, não têm como saber suas posições individuais na ordem social no futuro. Esse desconhecimento as coloca em situação similar aos sujeitos velados imaginados por Rawls, incapazes de saber quem vai receber quanto no processo sociodistributivo de direitos, posições e recursos. O que Rawls pretendia com seu experimento mental era criar uma situação ideal na qual as pessoas fizessem suas escolhas com base apenas em considerações morais, afastado o autointeresse.

Ou seja, deixar a reforma para as próximas gerações torna irrelevantes as considerações pessoais, possibilitando uma apreciação mais neutra dos princípios a serem adotados para a alocação de custos e benefícios na sociedade. Sem saber se vão se tornar servidores públicos, empresários, assalariados, ou, ainda, se vão ganhar na loteria, as pessoas pensarão na reforma de modo mais isento e global. O pen-

samento na sociedade como um todo é quase automático, afinal, quando o véu for levantado, elas poderão estar em qualquer posição.

E, o mais importante, agindo assim o Estado não rompe com a confiança daqueles que já estão no sistema e permite que os novos ingressantes organizem suas vidas, seu processo decisório, seus valores e princípios, enfim, sua confiança, a partir das novas regras. Assim podem decidir seu futuro com as cartas na mesa, sem o risco de serem surpreendidos com outras escondidas na manga, tal qual se pretende fazer agora. Na verdade, o jogo do governo tem sido adicionar mais cartas ao baralho para fazer o jogo que for melhor (para ele, claro) no momento. Numa corriqueira situação dessas, o que qualquer jogador faria? Sairia do jogo, já que com manipulação das regras e coringas intempestivos, a certeza de sempre sair perdendo impele qualquer um a parar.

Mas e daí para a frente? Como todo jogador que trapaceia fica marcado, a tendência é sempre desconfiar de suas táticas de jogo. Um convite claro ao desrespeito a qualquer outra regra que vier deste jogador, afinal nunca se sabe como ele vai agir – ou, pelo contrário, se sabe. Na prática, um convite à sonegação, ao envio de dinheiro para fora do país, ao abuso de benefícios pontuais. Afinal, para que contribuir para um jogo em que sempre se espera sair perdendo? Os outros jogadores começam a criar táticas de sobrevivência fora do jogo dominado pelo Estado.

O pior disso tudo? É que confiança geralmente se tem de graça. Mas, uma vez perdida, custa a voltar... Demanda altos investimentos de diálogo com a sociedade e “provas de fidelidade” perenes, algo que não tem sido prática do atual governo. Hum... Mas e o que falta de confiança e ausência de diálogo provocam? Violência. Da sociedade para com o Estado e deste para com a sociedade, objetivando manutenção de poder. Um déjà vu de tempos não tão remotos. Um aviso para quem pensa responsabilmente o país. Um apelo a Hannah Arendt, que não via o exercício do poder que não pelo consenso. UC

© Tânia Régio/Agência Brasil

O significado da PEC 241, a que limita os gastos públicos

COLOCAR AS FINANÇAS EM ORDEM É DESAFIO DO ESTADO BRASILEIRO

Qualquer um de nós sabe, é senso comum, que somente se pode gastar o quanto se tem. No entanto, mesmo com base nessa premissa simplória, gastamos sempre mais do que dispomos. Usamos o nosso cartão de crédito, onde um valor bem acima do que temos em nosso bolso ou na nossa conta corrente pode ser utilizado. Quando vem a fatura pagamos com o que dispomos. Nem sempre temos o dinheiro suficiente, mas de uma forma ou de outra acabamos por honrar nossos compromissos financeiros. O problema ocorre quando não temos mais de onde tirar. Aí entramos no pior dos mundos: o do endividamento sob juros cruéis.

Esse é o atual problema das finanças do Estado brasileiro. Há um alto grau de endividamento frente a sua capacidade de honrar as suas dívidas. Da mesma forma que nós, quanto mais se endivida o Estado, menos restam recursos para gastar em outras despesas.

O crescimento da dívida pública, além do mais, significa aumento na taxa de juros, o que atinge a todos, empresas e trabalhadores, pois dificulta nossas compras e torna os custos de produção maiores. Além disso, quanto mais cresce a dívida pública, e mais o Estado paga a conta de juros crescentes por esse aumento, maior é a transferência de renda nacional para os bancos.

Dívida pública em crescimento e taxa de

juros em elevação significam lucros altos dos bancos. Qualquer análise de balanços dos bancos demonstra isso. Foi por conta dessa certeza que os bancários fizeram uma longa greve recentemente. Os bancos tinham como pagar suas exigências. Há lucro de sobra nesses bancos nesses tempos de desequilíbrio fiscal.

Os críticos da PEC 241 afirmam que ela irá deixar setores importantes, como a saúde pública e a educação, com menor quantidade de recursos. No texto da Proposta de Emenda Constitucional, PEC, exatamente no Artigo 104, está escrito que os valores mínimos referentes à educação e à saúde serão corrigidos pelo valor da inflação do ano anterior. Atentem bem: valores mínimos. Quando assim definidos, indicam não haver um teto para despesas com saúde e educação, ou seja, não há um valor máximo a ser evitado. Sendo assim, as despesas com educação e saúde podem ser maiores do que os mínimos determinados na Constituição Federal.

Em resumo, nada impede que a União tenha despesas maiores do que os 18% de suas receitas com educação e despesas maiores do que os 15% da Receita Corrente Líquida em saúde.

O que limita o gasto público é o teto, ou seja, a despesa primária no seu valor total. Nessa despesa primária entram todos os gastos menos os financeiros, os que são relativos à dívida pública. É um raciocínio simples. Se




estou endividado preciso cortar minhas despesas para pagar o que devo ao banco. Se não estou endividado, posso usar minhas receitas para outras despesas, porém, sempre evitando me endividar novamente.

Quem deseja ver o Estado brasileiro com suas contas em ordem? Claro que todos nós. Todos precisamos ter um governo que possa de fato governar, com programas sociais em andamento. No entanto, se a despesa pública vai sendo crescentemente destinada para pagar juros da dívida não haverá possibilidade de promover nada de interesse social.

No segundo mandato do Presidente Lula sua equipe econômica tentou propor algo semelhante a essa PEC 241, mas sem sucesso. Nos anos 1990, quando Bill Clinton era presidente dos Estados Unidos, foi aprovada lei que proporcionava um equilíbrio entre despesas e receitas da União. Com a aprovação dessa

lei em alguns anos as finanças públicas foram reequilibradas. Suas consequências benéficas se fizeram sentir até o desequilíbrio posterior. Esse desequilíbrio das contas dos EUA foi um dos responsáveis pela crise que vivemos até hoje em todo o mundo.

O que temos pela frente aqui não é tarefa fácil, mas, ao que tudo indica, seremos bem-sucedidos. Poderemos entrar, num futuro não muito distante, em um novo ciclo produtivo benéfico, de retomada dos investimentos e diminuição do desemprego. Agora o que precisamos fazer é equilibrar nossas contas públicas. A PEC 241 é um estratégico passo para isso. Vamos aguardar um pouco ainda, mesmo que a urgência da nossa desigualdade social esteja sempre a nos morder os calcanhares. Quem sabe ainda possamos vir a viver em um país mais justo e igualitário. Desse sonho não vamos abrir mão jamais! 



Alvaro Guedes é professor da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Araraquara.

Estratégia aumenta a renda do produtor

CONSÓRCIO COM A MACADÂMIA PROTEGE O CAFÉ E AUMENTA PRODUTIVIDADE

Com uma produção estimada em 49,7 milhões de sacas de 60 quilos em 2016, o Brasil lidera de longe o ranking dos maiores produtores mundiais de café. Os valores consolidados de 2015 permitem a comparação numérica: Brasil, 43,2 milhões de sacas; Vietnã, 27,5 milhões de sacas; Colômbia, 13,5 milhões de sacas; Indonésia, 11 milhões de sacas; Etiópia, 6,4 milhões de sacas. Os cafezais instalados no país se estendem por aproximadamente 2,26 milhões de hectares, e o setor mobiliza 290 mil proprietários e mais de 8 milhões de empregados.

Esse vasto segmento agroindustrial possui, no entanto, seu calcanhar de aquiles: a monocultura, praticada em mais de 90% dos estabelecimentos dedicados à produção cafeeira. Os efeitos negativos da monocultura tornaram-se bastante conhecidos pelos especialistas nas últimas décadas: erosão do solo, perda de biodiversidade e alto custo de produção, associados ao uso intensivo de fertilizantes e pesticidas.

O consórcio de lavouras é uma estratégia

poderosa para a superação de tais efeitos. E um projeto de pesquisa apoiado pela Fapesp contemplou especificamente o plantio consorciado de café e macadâmia: “Cultivo consorciado de cafeeiro arábica (*Coffea arabica* L.) e cultivares de noqueira macadâmia (*Macadamia integrifolia* Maiden & Betche).

Os pesquisadores envolvidos no projeto, Rogério Peres Soratto, da Faculdade de Ciências Agrônomicas da Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Botucatu e seu ex-orientando, Marcos José Perdoná, da Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios (APTA), publicaram no *Agronomy Journal*, da American Society of Agronomy, o artigo *Arabica coffee-macadamia intercropping: a suitable macadamia cultivar to allow mechanization practices and maximize profitability*.

A publicação, também apoiada pela Fapesp, repercutiu na mídia eletrônica especializada dos Estados Unidos, como se pode verificar nos sites da Soil Science Society of America, da Crop Science Society of America e da American Society of Agronomy, entre outros.

José Tadeu Arantes –
Agência Fapesp
<jarantes@fapesp.br>



© Foto: Marcos José Perdoná

“Sob o aspecto ambiental, o consórcio contribui para a preservação e a fertilidade do solo, a promoção da biodiversidade e a defesa das lavouras contra algumas espécies de ervas daninhas. Sob o aspecto econômico, otimiza o uso da terra e da força de trabalho ao longo do ano, aumentando a renda do produtor e protegendo-o de conjunturas adversas decorrentes de fatores climáticos ou de flutuações do mercado. Em resumo, torna o sistema muito mais sustentável. Além disso, gera um ganho de produtividade nas duas culturas e favorece a mecanização da colheita do café”, disse Soratto à Agência Fapesp.

Outro benefício importantíssimo proporcionado pelo consórcio, que já havia sido enfatizado pelos pesquisadores em artigo anterior, é a diminuição da vulnerabilidade da cultura cafeeira no contexto das mudanças climáticas globais. O aumento da temperatura média tende a fazer com que algumas regiões produtoras se tornem impróprias para a lavoura, forçando reconfigurações geográficas com sérios impactos econômicos e sociais.

“A planta do café arábica é um arbusto perene que originalmente se desenvolveu à sombra de árvores maiores. A alta temperatura e o déficit de água causam-lhe grandes danos e reduzem sua performance reprodutiva”, informou Soratto. “O consórcio com a árvore de macadâmia mitiga esses efeitos, além de proteger os cafezais contra outros riscos climáticos, como o ressecamento das plantas pela exposição ao sol, às geadas e às ventanias”, prosseguiu.

O CONSÓRCIO COM A MACADÂMIA PODERÁ CONTRIBUIR PARA A MELHORIA DO PRODUTO, ACRESCENTANDO AO AROMA E AO SABOR DO CAFÉ NOTAS ESPECÍFICAS DECORRENTES DA PROXIMIDADE COM AS NOGUEIRAS

O experimento, conduzido por ele e Perdoná na região de Dois Córregos, no Estado de São Paulo, mostrou que o consórcio elevou em 10% a produção do arábica sem irrigação, ou seja, somente com a água disponibilizada pelas chuvas. A irrigação por gotejamento promoveu

Estudo mostrou também que a conjugação das duas lavouras é uma poderosa estratégia de sobrevivência em tempo de mudança climática, além de aumentar a renda do produtor.



crescimento bem maior nos cultivos consorciados e aumentou os rendimentos de café e macadâmia em 60% e 133%, respectivamente.

Além disso, o consórcio proporciona ao produtor duas colheitas diferentes em vez de uma única – o que, como já foi apontado, melhora significativamente sua performance comercial e o ajuda a atravessar as conjunturas desfavoráveis causadas pelas quedas nos preços. A macadâmia é uma noqueira lenhosa originária da Austrália, cujos frutos, *in natura* ou descascados, alcançam alto valor no mercado e possuem um potencial econômico ainda pouco explorado no Brasil.

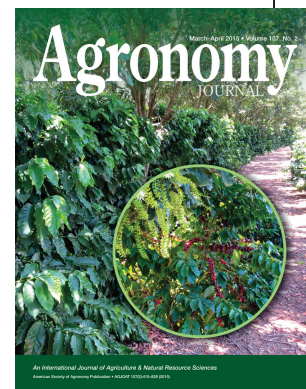
No experimento, as duas culturas foram plantadas ao mesmo tempo: os cafeeiros em fileiras espaçadas por 3,5 metros, e com as plantas da mesma fileira separadas umas das outras por 70 centímetros; e as árvores de macadâmia em fileiras espaçadas por 10,5 metros, e com as plantas da mesma fileira

separadas umas das outras por 4,9 metros, entremeadas por cafeeiros. Então, cada fileira de macadâmia com café ficou separada da outra por duas fileiras de café.

“Avaliamos a evolução das duas culturas até o oitavo ano após o plantio. Normalmente, a vida útil da lavoura de café é estimada entre 15 e 20 anos. Mas esse limite é determinado muito mais pelo manejo do que por um eventual envelhecimento da planta. Existem lavouras, bem manejadas, que continuam produtivas por muito mais tempo”, afirmou o pesquisador.

CONSUMIDORES EXIGENTES

Embora o café brasileiro tenha sido considerado inferior ao de países como a Colômbia, por exemplo, já existem hoje no Brasil marcas, produzidas em pequena escala, que nada ficam a dever às melhores do exterior. Formou-se também, nos anos recentes, um segmento, ainda



Os pesquisadores envolvidos no projeto publicaram no *Agronomy Journal*, da American Society of Agronomy, o artigo *Arabica coffee–macadamia intercropping: a suitable macadamia cultivar to allow mechanization practices and maximize profitability*.

minoritário, mas crescente, de consumidores mais exigentes. Características como corpo, aroma, acidez, doçura, amargor e finalização passaram a ser conhecidas e valorizadas por esses apreciadores.

O consórcio com a macadâmia poderá, eventualmente, contribuir para essa melhoria do produto, acrescentando ao aroma e ao sabor do café notas específicas decorrentes da proximidade com as noqueiras. Mas esse aspecto não foi contemplado pela pesquisa em pauta, que se concentrou nos tópicos sustentabilidade e produtividade.

“Não avaliamos a qualidade da bebida porque isso demandaria outro tipo de estudo, extremamente minucioso. É sabido que cafezeiros sombreados por plantas arbóreas produzem um grão de melhor qualidade, pelo fato de o fruto poder atingir estágio de maturação mais adequado. Porém qualquer descuido na

colheita, na secagem ou na torra pode prejudicar essa qualidade. Um excelente grão pode ser comprometido pela colheita fora de hora ou pelo manejo inadequado na pós-colheita”, ponderou Soratto.

Em novo projeto apoiado pela Fapesp, os pesquisadores estão estudando agora como inserir macadâmia em lavouras de café já instaladas e a viabilidade da colheita totalmente mecanizada do café nesses sistemas.

Em outro ensaio estudam manejos de poda das noqueiras, porque há um momento em que os cafeeiros ficam sombreados demais, devido ao crescimento das árvores de macadâmia. Enquanto a planta de café dificilmente ultrapassa os 4 metros, a macadâmia chega a alcançar 25 metros de altura. E a manutenção das duas culturas em conjunto requer alguns procedimentos específicos depois de vários anos de consórcio. ^{UC}



Publicado originalmente na Agência Fapesp em [<goo.gl/BfSxXi>](https://goo.gl/BfSxXi).



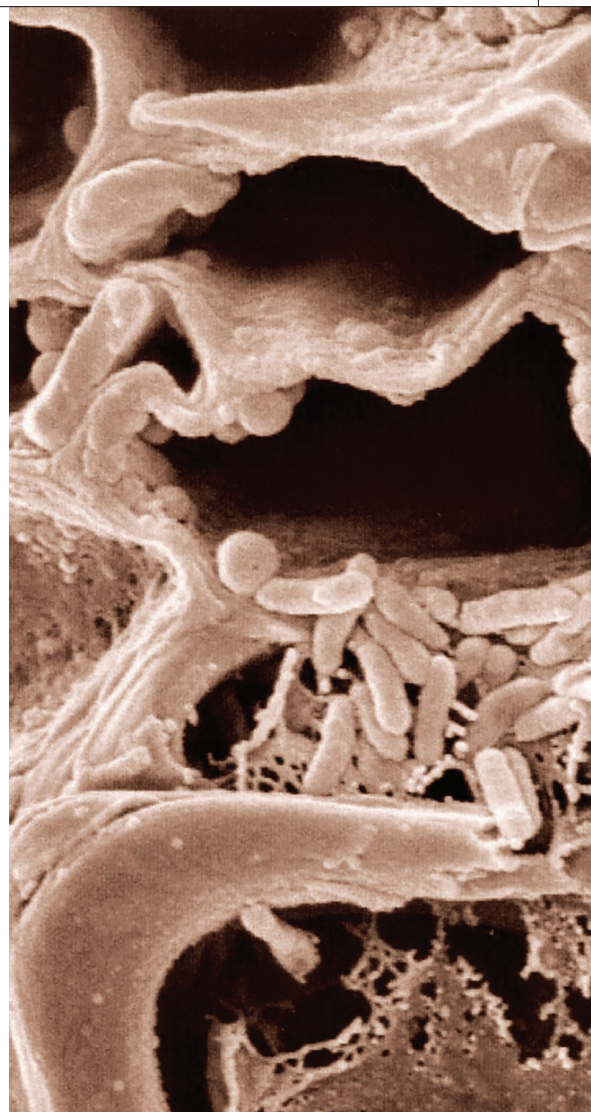
Ouça Podcast Unesp: [<goo.gl/u5vh7U>](https://goo.gl/u5vh7U).

Estudo investiga nova frente de defesa de bactérias para oxidantes gerados pelo sistema imune

PESQUISADORES DO REDOXOMA IDENTIFICARAM SUBSTRATOS BIOLÓGICOS DA ENZIMA BACTERIANA OHR, UM POTENCIAL ALVO PARA O DESENVOLVIMENTO DE NOVOS FÁRMACOS PARA COMBATE DE DOENÇAS CAUSADAS POR BACTÉRIAS

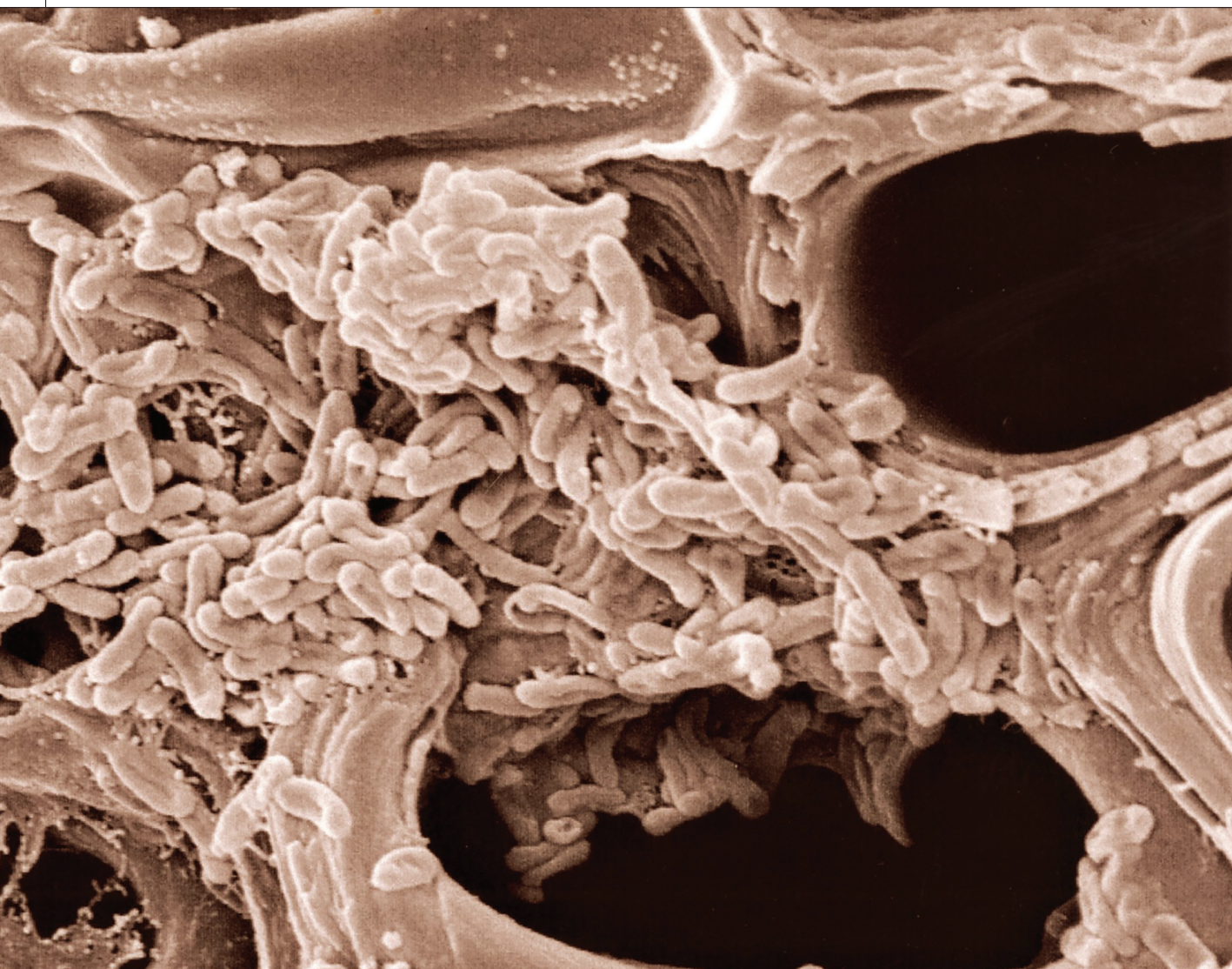
Um mecanismo de defesa comum a animais e plantas se baseia na geração de grandes quantidades de oxidantes, que são altamente tóxicos e visam combater os organismos responsáveis por doenças infecciosas como bactérias patogênicas. Entretanto, no curso da evolução estes agentes de doenças infecciosas desenvolveram estratégias para anular as moléculas oxidantes geradas pelo sistema de defesa do hospedeiro.

Trabalhos recentes revelam que bactérias possuem uma enzima denominada Ohr (proteína de resistência a hidroperóxidos orgânicos, na sigla em inglês), que confere a diversas espécies de bactérias a capacidade de neutralizar substâncias oxidantes liberadas pelo sistema de defesa do organismo hospedeiro – seja ele planta ou animal.



Recentemente, uma pesquisa realizada pelo CEPID Redoxoma, financiado pela Fapesp (goo.gl/5iHLtT) revelou novos aspectos relacionados ao mecanismo de ação da enzima chamada Ohr (proteína de resistência a hidroperóxidos orgânicos, na sigla em inglês),

A pesquisa contou com pesquisadores do Brasil e do exterior, dentre eles o Prof. Marcos A. de Oliveira do Instituto de Biociências da Unesp – Câmpus do Litoral Paulista, e os resultados foram divulgados recentemente na revista *Proceedings of the National Academy of Sciences* (goo.gl/VTwj6I). Segundo os autores, o conhecimento pode abrir caminho para o desenvolvimento de novas abordagens terapêuticas para doenças causadas por microrganismos em plantas e animais. “De fato, existem atualmente bactérias super-resistentes



© E. W. Kitajima/ESA/LQ/USP/Brasil

aos fármacos hoje existentes, e a busca de novas abordagens ou alternativas para o tratamento de doenças infecciosas é uma fronteira da ciência de grande importância”, comentou Marcos A. de Oliveira.

De acordo com Luis Eduardo Soares Netto, professor do Instituto de Biociências (IB-USP), coordenador do estudo: “Não há em plantas ou em animais nenhuma proteína conhecida com estrutura semelhante à da Ohr. Isso sugere que é possível inibir essa enzima na bactéria sem causar grandes prejuízos ao organismo infectado e, por isso, ela se torna um alvo interessante para o desenvolvimento de fármacos”. Ressaltando que ainda faltam dados que liguem Ohr a virulência/patogenicidade de bactérias.

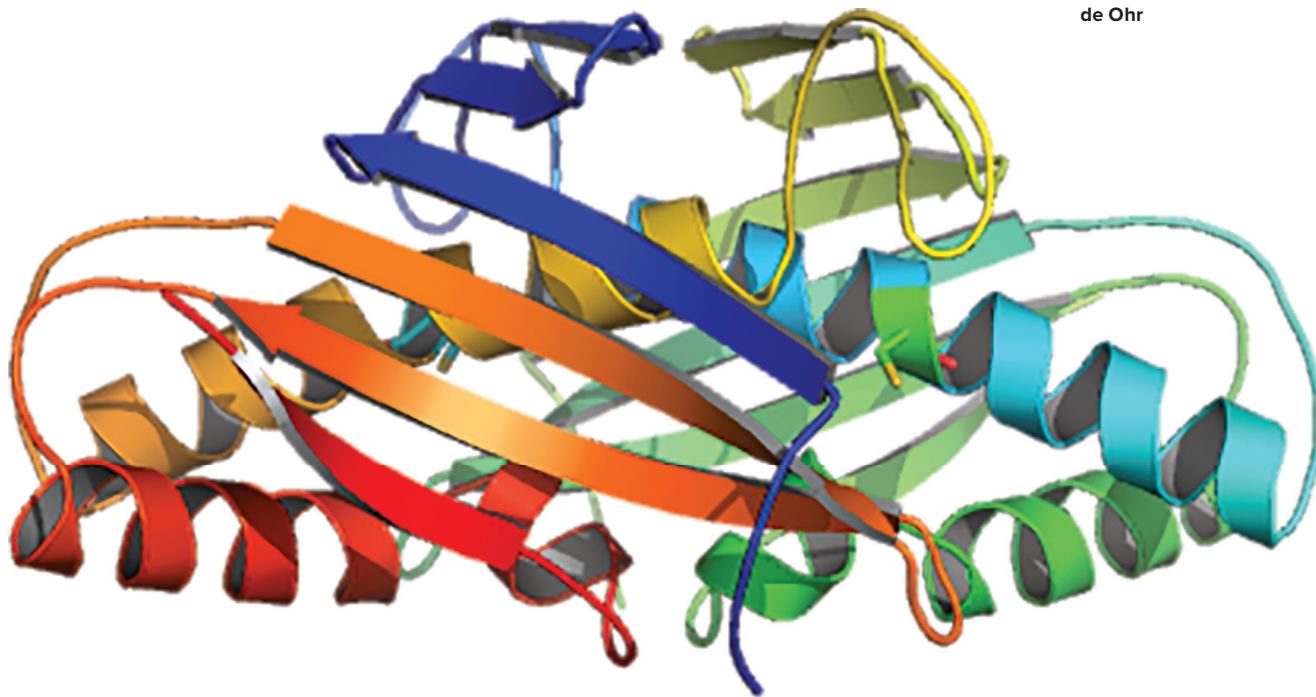
“Quando começamos a investigação, já sa-

bíamos que a Ohr tinha função antioxidante, mas não eram conhecidos os substratos fisiológicos dessa enzima. Nós mostramos neste estudo que ela neutraliza preferencialmente peróxidos – particularmente os hidroperóxidos de ácidos graxos de cadeia longa e o peroxinitrito”, disse Netto.

Segundo Marcos A. de Oliveira, do IB da Unesp – Câmpus do Litoral Paulista, um dos participantes do estudo: “Determinamos a estrutura em nível atômico desta proteína, o que forneceu subsídios para que pudéssemos entender um pouco mais de seu funcionamento e de moléculas envolvidas na resistência desta bactéria nos hospedeiros. De fato, a estrutura da proteína revelou uma molécula no sítio ativo de Ohr (local utilizado para detoxificar substâncias danosas à bactéria), o que nos deu

Eletromicrografia da bactéria *Xylella fastidiosa* infectando o xilema de planta.

Representação da
estrutura tridimensional
de Ohr



uma ideia de substratos biológicos”.

Em seguida, os autores do trabalho fizeram os chamados testes de ancoragem molecular (*docking*) – por simulação computacional que mostra o encaixe dos possíveis substratos ao sítio ativo da enzima. Essas análises mostraram grande complementaridade estrutural

O ENTENDIMENTO DO FUNCIONAMENTO E DOS SUBSTRATOS DA ENZIMA PODE LEVAR À DESCOBERTA DE NOVOS QUIMIOTERÁPICOS

entre a Ohr e diferentes tipos de hidropéroxidos de ácidos graxos, como os derivados do ácido araquidônico e do ácido linoleico, substâncias que atuam como mediadores de processos inflamatórios em mamíferos e em plantas, respectivamente.

Para validar estas descobertas, foram feitos ensaios *in vitro* com a proteína Ohr produzida pela *Xylella fastidiosa*, bactéria causadora da doença clorose variegada dos citros (CVC) ou

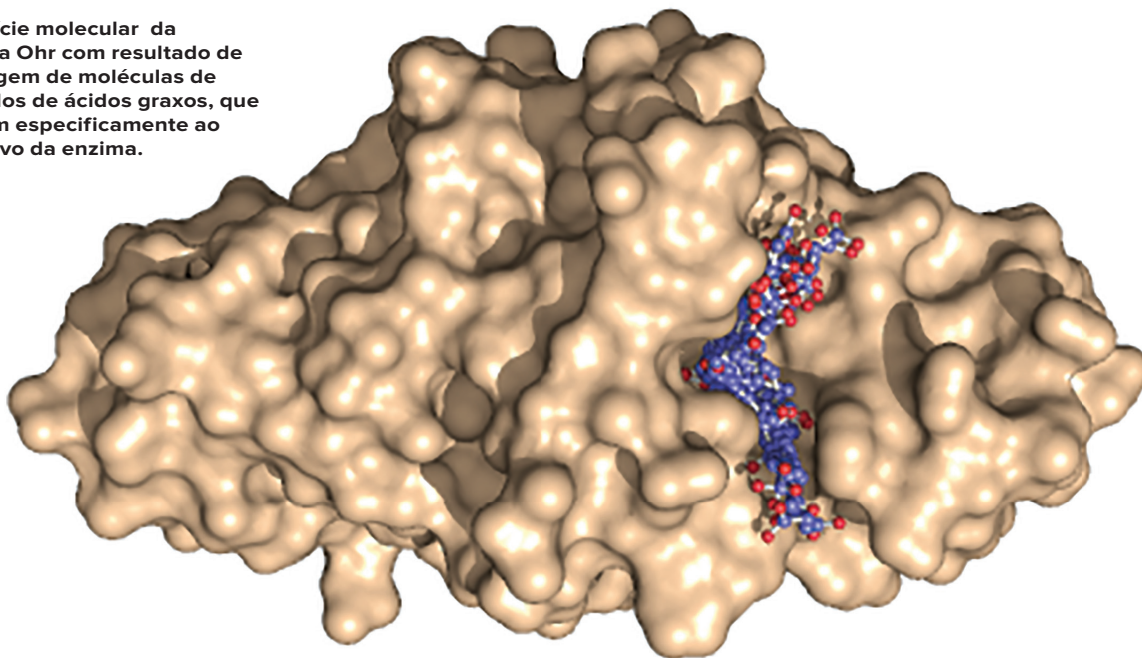
“amarelinho”, que ataca a laranja. Conforme explicou Netto, o trabalho é um desdobramento do projeto genoma (goo.gl/mvIyDY) realizado nos anos 1990, com apoio da Fapesp para sequenciar o genoma da *X. fastidiosa*.

Nos testes *in vitro*, os cientistas incubaram a Ohr purificada com diversos tipos de hidropéroxidos. O objetivo foi medir o tempo necessário para a enzima transformar cada um desses oxidantes em substâncias menos tóxicas. “Observamos, por exemplo, que ela consegue neutralizar o peróxido de hidrogênio [água oxigenada], mas o processo é 100 mil vezes mais lento do que no caso do hidropéroxido de ácido araquidônico”, contou Netto.

Uma surpresa para o grupo nessa etapa foi observar que, em contato com o peroxinitrito, a enzima agia com a mesma eficiência observada com os hidropéroxidos de ácido araquidônico e com o ácido linoleico – algo não previsto nas simulações computacionais.

“O peroxinitrito é um produto formado por dois outros radicais: o superóxido e o óxido nítrico. É liberado tanto por plantas quanto

Superfície molecular da proteína Ohr com resultado de ancoragem de moléculas de peróxidos de ácidos graxos, que se ligam especificamente ao sítio ativo da enzima.




por mamíferos em resposta à infecção por patógenos”, explicou o pesquisador.

O passo seguinte foi a realização de ensaios microbiológicos e, para isso, o grupo do IB-USP usou linhagens de bactérias da espécie *Pseudomonas aeruginosa*, que em humanos é responsável por causar infecções oportunistas, no trato respiratório, urinário e no ouvido no homem.

“Comparamos um grupo de bactérias mutantes, que tiveram o gene da Ohr deletado, com bactérias selvagens [capazes de produzir a enzima]. Os dois grupos foram colocados em diferentes concentrações de hidroperóxidos para testar sua resistência”, contou Netto. Enquanto as bactérias selvagens conseguiam crescer mesmo em altas concentrações de hidroperóxidos, as linhagens mutantes paravam de se multiplicar mesmo nas doses mais baixas. Porém, quando o gene da Ohr foi inserido na linhagem mutante, essas bactérias voltaram a mostrar resistência aos oxidantes comparável à das células selvagens.

Os testes feitos na USP mostraram que outras bactérias mutantes sem essas outras enzimas

antioxidantes não apresentaram a mesma sensibilidade aos hidroperóxidos de ácidos graxos e ao peroxinitrito que a observada na linhagem mutante sem Ohr. Na avaliação dos pesquisadores, esse dado sugere que a Ohr tem papel central na defesa antioxidante bacteriana.

Segundo os pesquisadores: “Estes resultados são bastante importantes pois dentre os organismos que possuem esta proteína estão diversos patógenos à família Xanthomonadaceae, responsáveis por doenças infecciosas em culturas de plantas de importância econômica e social como alfafa, algodão, amêndoa, arroz, café, laranja, pêssego, pera, uva, entre outras, como também em animais e humanos, como *Actinobacillus pleuropneumoniae* (pneumonia em suínos), *Francisella tularensis* (tularemia em humanos), *Mycoplasma genitalium* (infecções no trato genital e urinário em humanos). Neste contexto, o entendimento do funcionamento e dos substratos da enzima pode levar à descoberta de novos quimioterápicos para auxiliar no tratamento de doenças em que os patógenos possuem a proteína Ohr”. 

Além dos pesquisadores mencionados também participaram do trabalho Thiago Alegria, autor principal, José Renato Cussiol e Diogo Meireles, todos com projetos de pós-graduação orientados pelo Prof. Netto e vinculados ao Centro de Pesquisa em Processos Redox em Biomedicina (Redoxoma); os pesquisadores do Instituto de Química da USP-SP Paolo Di Mascio, Sayuri Miyamoto, Raphael F. Queiroz e Ohara Augusto (coordenadora do CEPID Redoxoma); Napoleão Fonseca Valadares e Richard C. Garratt, do Instituto de Física da USP São Carlos; Rafael Radi, Martín Hugo, Madia Trujillo, da Universidad de la República (UDELAR), do Uruguai.



Dois minutos e meio para o Fim do Mundo

A QUESTÃO NUCLEAR MERECE DESTAQUE PELA ESTAGNAÇÃO NAS MEDIDAS PARA O DESARMAMENTO E PELA DETERIORAÇÃO DO CENÁRIO INTERNACIONAL PARA O SETOR

No dia 26 de janeiro de 2017, o Comitê de Ciência e Segurança do *Bulletin of the Atomic Scientists* anunciou que o mundo está um pouquinho mais próximo do Fim: o relógio que marca essa trajetória da humanidade, conhecido como Doomsday Clock, está a apenas dois minutos e meio da meia-noite.

Desde 1947, o *Bulletin of the Atomic Scientists* anuncia anualmente uma estimativa de quão elevado é o risco de um evento de grandes proporções capaz de desestruturar fundamentalmente a civilização humana. Não se trata, é evidente, de uma estimativa literal: as chances de o mundo acabar nos próximos dois minutos e meio são, felizmente, remotas. Trata-se, antes, de uma representação figurativa sobre as grandes ameaças que têm enorme potencial destrutivo para nossa forma de vida. É, assim, uma forma de chamar a atenção do público, inclusive de lideranças políticas, para problemas que precisam ser enfrentados e que, frequentemente, requerem um nível

significativo de cooperação entre as nações.

Neste aniversário de 70 anos do Doomsday Clock, o Comitê responsável por mover os ponteiros do relógio expressou seu pessimismo frente ao contexto global. Os dois principais vilões apontados pelo Comitê foram os armamentos nucleares e as mudanças climáticas. Para a questão climática, apesar de algum esforço internacional no sentido de reduzir as emissões de carbono, principalmente através do Acordo de Paris, assinado no ano passado, as medidas adotadas ainda são insuficientes. Além disso, a postura política do novo presidente estadunidense Donald Trump, que já fez declarações negando a existência dessas mudanças climáticas, tem sido vista como alarmante pelos grupos atentos à questão, aumentando o pessimismo internacional de que políticas ambientais mais sustentáveis venham a ser implementadas.

Por sua vez, a questão nuclear mereceu destaque não apenas por uma estagnação nas




© Vinicius Sgarbi/Freemages

medidas para o desarmamento, mas, sim, por uma deterioração do cenário internacional para o setor. A Rússia e os EUA, países que detêm os dois maiores arsenais nucleares do mundo, e que iniciaram um processo de modernização desses arsenais, apresentaram um nível crescente de tensão ao longo do último ano, algo que preocupa, mesmo que as chances de um conflito armado entre as duas potências sejam remotas. Também aqui a eleição de Trump entrou no cômputo do Comitê, devido à sua postura aparentemente menos avessa ao emprego de explosivos nucleares do que a de seu antecessor. Além disso, Trump indicou sua intenção de rever e possivelmente pôr fim ao acordo nuclear assinado com o Irã em 2015, o qual estabelecia restrições ao programa nuclear iraniano em troca da suspensão de sanções internacionais impostas ao país. A eliminação do acordo poderia levar o Irã, que tem cumprido todas as determinações de forma adequada, a retomar sua investida para

a aquisição de armamentos nucleares.

Também a Coreia do Norte mereceu a atenção do Comitê do *Bulletin of the Atomic Scientists* em 2016. O país realizou dois testes nucleares, bem como inúmeros testes de mísseis, indicando avanços substanciais na sua capacidade técnica nos dois setores e sua intenção de dar continuidade ao desenvolvimento de armas de destruição em massa e veículos de entrega com alcance cada vez maior.

Mesmo diante desse cenário, o tom apocalíptico não deve ser levado longe demais. O Doomsday Clock é um símbolo do contexto, mas ele não significa que haverá um cataclismo nuclear a qualquer momento, ou que o mundo se tornará um grande deserto dentro de alguns anos. Seus ponteiros próximos à meia-noite devem nos lembrar dos perigos que são reais e precisam ser tratados com seriedade, e também nos alertar de que a responsabilidade pelo futuro é compartilhada por todos os cidadãos e pertence a cada indivíduo. 



Raquel Gontijo é doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em San Tiago Dantas (Unesp, Unicamp, PUC-SP), pesquisadora do Grupo de Estudos de Defesa e Segurança Internacional (Gedes) e professora de Relações Internacionais da Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP).



Salve os malditos!

SHOW DE JARDS MACALÉ ABRIU O ANO COM A ENERGIA NECESSÁRIA PARA ENFRENTAR DIAS SOMBRIOS

O show de Jards Macalé no Sesc Pompeia, em São Paulo, SP, dia 15/1, abriu o ano de 2017 com a energia de que estamos precisando em dias tão sombrios. Resultado da turnê de seus 50 anos de carreira iniciada em meados de 2016 e com o propósito de lançar o álbum que marca a efeméride, Macalé deu seu recado. Ele e sua banda de apoio formada por jovens talentosos, a Let's Play That (homônima de uma de suas músicas com Torquato Neto), chegaram sem rodeios e qualquer interação com o público. Nem por isso deixaram de impactar com uma massa sonora de arrepiar. A performance dividiu-se em três partes, sendo a do meio com um solo ao violão, não sem avisar a banda que se retirou: "Voltem!". Primeira vez que falou, arrancou um riso ainda tímido dos que desconfiaram de que deve ter havido ocasião que a banda se perdera por aí!

Artista experiente, teve o público em suas mãos desde o início pela performance virtuosa de composições próprias como *Farinha do Desprezo*, *Mal Secreto*, *Let's Play That* e

de outros artistas que marcaram a geração de muitos que, como eu, ficaram justamente emocionados. Mas é quando canta sozinho ao violão *Revendo Amigos* que o domínio se faz pleno. Esta última é a música que encerra o clássico filme *Amuleto de Ogum*, de Nelson Pereira dos Santos, do qual ele assinou a trilha e no qual atuou como o cego Firmino. Então convidou os ouvintes a fazerem o corinho final e a empolgação definitivamente tomou conta da galera. Aproveitando a deixa, antes de cantar *Gothan City*, contou a história já bem conhecida das vaias estrondosas que recebeu no Festival Internacional da Canção em 1969 no Rio. Truque de sucesso, não falhou: as vaias foram ensurdecedoras – não a Jards, claro! Mas à atualidade do que representa essa sofisticada música de protesto que fala de caças às bruxas e de morcegos temerosos à espreita na porta principal.

Quando a banda voltou (na hora combinada!) e com ela todo o improviso jazzístico que caracteriza o poder criativo do artista popular que não se rende a fórmulas fáceis, os ânimos



© André Feltes e Dulce Heiler/Divulgação

Acima, Jards Macalé e banda ao lado de Zeca Baleiro – cantor, compositor, cronista e músico brasileiro de MPB.


À esquerda, Macalé ao lado de Luiz Melodia – ator, cantor e compositor brasileiro de MPB, rock, blues, soul e samba.



se aqueceram ainda mais com o biscoito fino fartamente saboreado pelas várias gerações que ali estavam. Luiz Melodia que me perdoe, mas a versão de *Farrapo Humano* ficou genial, com toda quebradeira instrumental que essa obra de arte merece. E lá vem na sequência *Acertei no Milhar*, de Wilson Batista – a famosa música da polêmica com Noel Rosa –, que levou definitivamente a plateia à loucura quando ele acrescenta ao último verso “Etelvina me acordou, Foi um sonho minha gente – tem um japonês na porta!”. E nova alusão à condição atual do país foi feita na versão de *Canalha*, de Walter Franco, com redobrada participação dos presentes que, a seu pedido, fizeram coro em uníssono ao encerrar a música com o grito incontido “canalhas!!” remetido diretamente aos corruptos de plantão.

Um senhor de setenta anos, mais jovem e atual que tantos outros, Jards Macalé é uma das poucas vozes no cenário musical que se faz ouvir contra os desmandos atuais. Dito “maldito” – que ele não gosta, rótulo que o privou de certo circuito – Jards carrega a ver-

ve de uma geração de gênios que traduziu tão bem o Brasil pelas vias alternativas. Daí que acho que se o rótulo não lhe foi favorável comercialmente, deveria ser visto com orgulho por aquele que não cooptou, aquele que estando no registro do popular, do rebaixamento bakhtiniano, do underground e dos outsiders manteve-se fiel a uma proposta de altíssima cultura, um modernismo zappiano, uma ousadia estética de raro alcance. Tenho repetido o quanto a conjuntura atual ainda não nos deu alguma grande música que a represente. Toda época tem sua manifestação artística marcante. Ou deveria ter. Assim como Jards se entristece em saber o quanto as coisas não parecem ter mudado, fazendo com que suas composições tenham uma atualidade a toda prova, sinto – pela veneração que devoto à música e à arte em geral – o quanto estamos carentes de uma reação estética à altura da banalização do mal que nos assola.

Enquanto isso, restam as lágrimas nos olhos que traduzem o êxtase que apenas um grande artista pode proporcionar. Salve os malditos! 



Valéria Guimarães é professora de História Cultural na Unesp de Assis e autora de *Notícias diversas: suicídios por amor, leituras contagiosas e cultura popular em São Paulo dos anos dez* (Ed. Mercado de Letras).





CERIMÔNIA DE POSSE

Dia 16 de janeiro, ocorreu a transmissão das funções de reitor e vice-reitor da Unesp aos professores Sandro Roberto Valentini e Sergio Roberto Nobre (*ao centro da foto, da esq. para a dir.*), eleitos para o exercício do mandato de janeiro de 2017 a janeiro de 2021. A sessão solene do Conselho Universitário foi no Teatro Santander, em São Paulo, SP, e contou com um público de mais de 1 mil pessoas, com a presença do governador Geraldo Alckmin (*à esq.*) e do vice, Márcio França (*à dir.*), também secretário de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação, além de prefeitos das cidades em que a Unesp se localiza, lideranças regionais e servidores docentes, técnico-administrativos e discentes.

O vídeo da Cerimônia de Posse dos novos reitor e vice da Unesp produzido pela TV Unesp está acessível em <goo.gl/vgIPIL>. Veja a Galeria de Fotos: <<http://bit.ly/2jLMUWb>>.

Crônicas de uma Vida não prevista...

Janeiro de 2017 – Dois milhões e meio de cidadãos americanos marcham com os emblemáticos “pussyhats” por grandes cidades em todo o território estadunidense em manifestação contra misoginia, racismo, intolerância religiosa, sexual e agressões aos direitos humanos e civis de toda ordem, principalmente contra os imigrantes e homeless.

Esta marcha juntou pessoas de classe, cor, credo, orientação sexual e etnias as mais variadas. Celebidades, militantes históricos e “desconhecidos”. Um mote muito presente nos discursos e cartazes implicava diretamente a política do atual presidente eleito Donald Trump, além de seus discursos inflamados que incitam, exatamente, a exacerbação de posições discriminatórias contra minorias, imigrantes, mulheres...

Dezembro de 2016 – dia de Natal... o ambulante Luiz Carlos Ruas, o Índio, foi espancado até a morte por dois homens, em uma estação de metrô da Capital Paulista, por tentar defender uma travesti que estava sendo perseguida e agredida por eles. Não havia seguranças no momento da agressão, testemunhada por 14 pessoas presentes, que fizeram o reconhecimento dos agressores. Um deles, quando indiciado, disse considerar-se “uma boa pessoa”.

Janeiro de 2017 – Veneza, Itália. Um jovem refugiado da Gâmbia debate-se nas águas do Canal Grande, em evidente processo de afogamento. Turistas de um barco passante gritam impropérios desejando que se afogue, sem fazer qualquer gesto para salvá-lo. Outro barco próximo joga-lhe um salva vidas e o jovem é recolhido ainda com vida. Do barco, muitos filmavam com seus celulares a tragédia em an-

damento. Países diferentes, fatos diferentes. O que podem ter em comum?


No caso da “marcha” e seu expressivo número de marchantes, parece haver um hiato temporal entre a manifestação e a real possibilidade de intervenção na realidade. Dado o motivo político Trump, pergunto-me onde estavam essas pessoas no dia da votação... Onde estavam quando os candidatos foram escolhidos em cada partido, em suas convenções...

Seriam elas suficientes para “fazer diferença”?

Quatorze pessoas testemunharam o espancamento do ambulante. Seriam elas suficientes para impedir o ocorrido? Para “segurar” dois homens enfurecidos? Para espantá-los, chamar os seguranças? Seriam elas suficientes para “fazer diferença”?

Do barco em Veneza, os insultos destinados ao jovem refugiado não foram acompanhados de boias salva-vidas... Claramente bradaram desejando-lhe a morte. Outro barco o socorreu, quase que sem tempo. Por muito pouco, fizeram diferença.

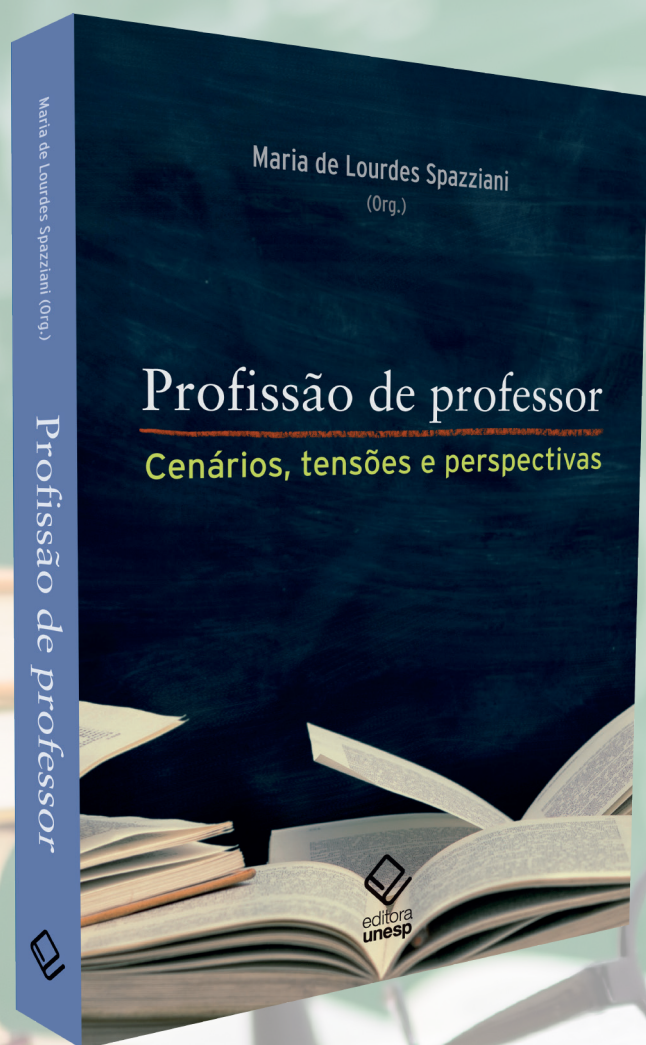
Ao mesmo tempo que se fala do valor da Vida estampamos nossa dúvida nos atos cotidianos, nas manchetes inverossímeis, nos muros que se erguem e que não são de concreto, mas têm a maior efetividade em nos separar do outro... como um objeto ao qual não temos que nos ater ou prestar atenção, muito menos cuidar.

Não há respostas, aliás as perguntas só aumentam e se complexificam... Estamos tão coisificados pelas imagens que tudo acaba parecendo ficção? Estamos tão distantes de nossa efetividade de ação que nos tardamos demais para agir? Temos essa pouca confiança na força de nossa vontade “fazer diferença”? 



Marília Muylaert é professora do Departamento de Psicologia Clínica da Unesp de Assis.

Cenário, tensões e perspectivas da formação e da profissão docentes



Um bom professor será lembrado pelo papel fundamental que exerceu na vida de seus alunos. Sua formação implica necessariamente o trabalho integrado entre universidades e escolas de educação básica, que se realiza sem predeterminações hierárquicas, ou seja, sem que a universidade determine o que fazer e o modo de fazer para um bom resultado. *Profissão de professor: cenários, tensões e perspectivas*, organizado por Maria de Lourdes Spazziani, vem responder à necessidade de uma reflexão aprofundada sobre a natureza e a inserção social do trabalho do professor e sobre as condições em que esse trabalho se realiza no momento atual da sociedade brasileira.

Profissão de professor: cenários, tensões e perspectivas
Maria de Lourdes Spazziani (Org.) | 382 páginas | R\$ 55



Produzir conteúdo,
Compartilhar conhecimento.
Editora Unesp, desde 1987

www.editoraunesp.com.br

Textos fundadores do romantismo alemão chegam ao Brasil



Crítico literário, poeta e editor, Friedrich Schlegel foi uma voz determinante para os movimentos literários europeus do século XIX. Seus aforismos, publicados na revista *Athenaeum*, que dirigiu entre 1798 e 1800, foram a base sobre a qual se edificou o primeiro romantismo alemão. Em *Fragmentos sobre poesia e literatura (1797-1803)* e *Conversa sobre poesia*, reunidos em um mesmo volume nesta edição brasileira, pode-se conferir essa escrita que busca, em forma de diálogos, refletir sobre o significado da vida e da arte.

Fragmentos sobre poesia e literatura (1797-1803) seguido de ***Conversa sobre poesia***
Friedrich Schlegel | 555 páginas | R\$ 84